INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Campus Calama
Coordenação do Curso de Pós Graduação Latu Sensu em Gestão Ambiental

ÂNDERSON CARVALHO NASCIMENTO

GEO HISTÓRIA DO BAIXO MADEIRA
SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO TERRITORIAL BERADEIRA

PORTO VELHO/RO
2026

ÂNDERSON CARVALHO NASCIMENTO

GEO HISTÓRIA DO BAIXO MADEIRA
SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO TERRITORIAL BERADEIRA

Capítulo de livro entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Calama*, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialização Pós Graduado em Gestão Ambiental, junto ao Curso de Pós Graduação Latu Sensu em Gestão Ambiental, sob a orientação da professora Dra. Josélia Fontenele Batista.

PORTO VELHO/RO
2026

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Nascimento, Ânderson Carvalho.
Geo História do Baixo Madeira - Subsídios para uma Educação Territorial Beradeira / Ânderson Carvalho Nascimento. - Porto Velho, 2026.
96 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Joselia Fontenele Batista.

Produto Educacional (Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2026.
ISBN 978-65-251-8485-2

1. Geografi a e História. 2. Interculturalidade. 3. Educação . 4. Amazônia. I. Batista, Joselia Fontenele (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Miria Santana Veiga, CRB-11/898

ÂNDERSON CARVALHO NASCIMENTO

GEO HISTÓRIA DO BAIXO MADEIRA
SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO TERRITORIAL BERADEIRA

Capítulo de livro entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Calama, como requisito parcial para obtenção do grau de especialização em Gestão Ambiental, junto ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Ambiental, sob a orientação da professora Dra. Josélia Fontenele Batista.

Aprovado em: 02/10/2026 pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOSELIA FONTENELE BATISTA
Data: 14/10/2026 20:07:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

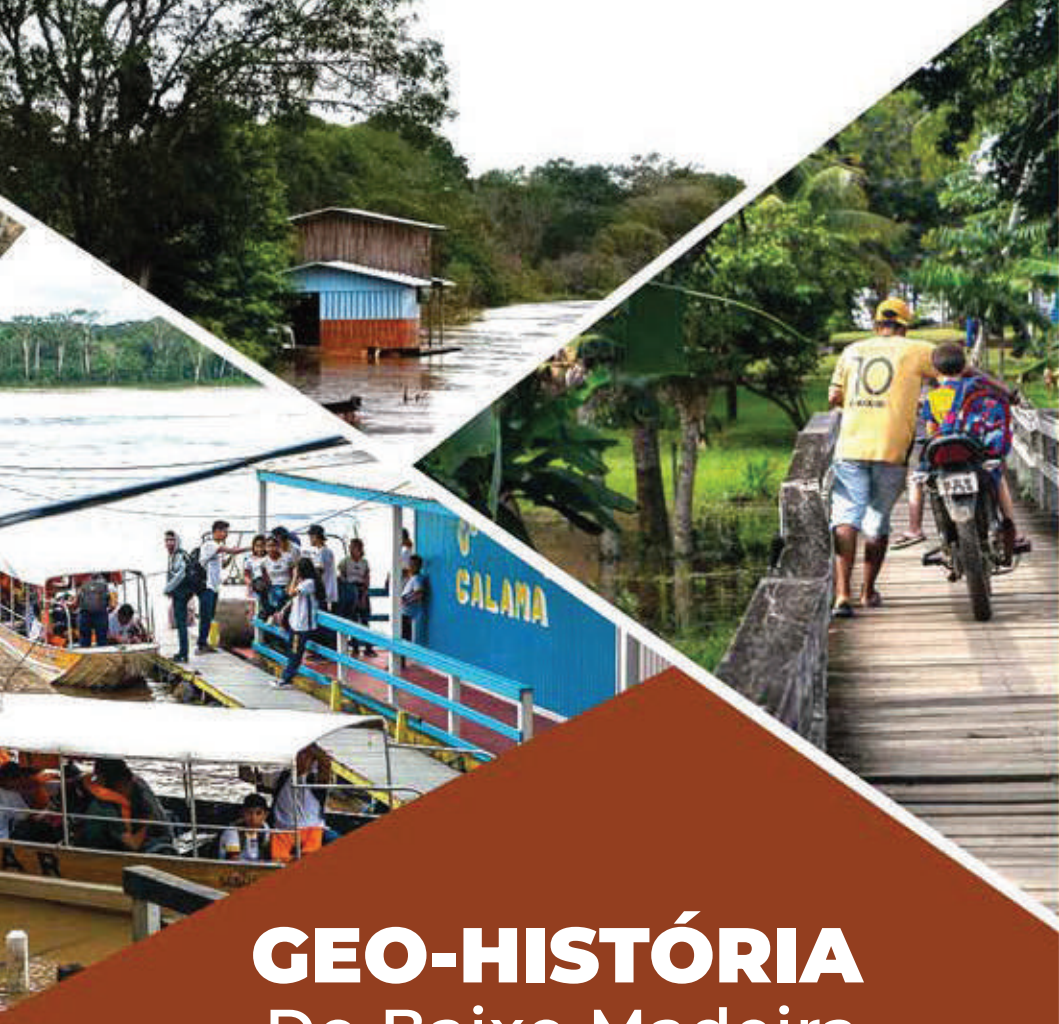
Profª. Dra. Josélia Fontenele Batista
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
RICARDO TEIXEIRA GREGORIO DE ANDRADE
Data: 15/10/2026 09:38:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Ricadro Teixeira Gregório de Andrade
Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
gov.br
SAULO GOMES DE SOUSA
Data: 14/10/2026 20:25:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Saulo Gomes de Sousa
Membro da Banca



GEO-HISTÓRIA
Do Baixo Madeira

Subsídios para uma Educação Territorial Beradeira

Josélia Fontenele Batista
Uilian Nogueira Lima
Maranei Rohers Penha
Saulo de Sousa
Iza Reis Gomes
Amanda Michalski da Silva
Ânderson Carvalho Nascimento
Evelyn Félix Ortiz
Gabriele dos Santos Alves
Débora Ripardo Gomes
Lucélia Rodrigues Silva
Camille da Silva Façanha

CRV

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Josélia Fontenele Batista
Uilian Nogueira Lima
Maranei Rohers Penha
Saulo Gomes de Sousa
Iza Reis Gomes
Amanda Michalski da Silva
Ânderson Carvalho Nascimento
Évelyn Felix Ortiz
Gabriele dos Santos Alves
Débora Ripardo Gomes
Lucélia Rodrigues Silva
Camille da Silva Façanha

GEO-HISTÓRIA DO BAIXO MADEIRA: Subsídios para uma Educação Territorial Beradeira

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2025

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Foto da Capa: Saulo Gomes de Sousa
Ilustrações: Ranaís Miron Costa e Paulo Emmanuel Cunha da Silva
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

G345

Geo-história do Baixo Madeira: subsídios para uma educação territorial beradeira / Josélia Fontenele Batista *et al*. – Curitiba : CRV, 2025.
96 p.

Bibliografia
ISBN Digital 978-65-251-8485-2
ISBN Físico 978-65-251-8484-5
DOI 10.24824/978652518484.5

1. Geografia e História. 2. Interculturalidade 3. Educação 4. Amazônia I. Batista, Josélia Fontenele *et al*. II. Título III. Série.

CDU: 91(811.3) CDD: 918.11

Índice para catálogo sistemático
1. Geografia e História – 918.11

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

2025
Foi feito o depósito legal conf. Lei nº 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra
sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela Editora CRV
Tel.: (41) 3029-6416 – E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: **www.editoracrv.com.br**

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Eduardo Pazinato (UFRGS)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Luciano Rodrigues Costa (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mariah Brochado (UFMG)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Adriane Piovezan (Faculdades Integradas Espírita)
Alexandre Pierezan (UFMS)
Andre Eduardo Ribeiro da Silva (IFSP)
Antonio Jose Teixeira Guerra (UFRJ)
Antonio Nivaldo Hespanhol (UNESP)
Carlos de Castro Neves Neto (UNESP)
Carlos Federico Dominguez Avila (UNIALFA)
Edilson Soares de Souza (FABAPAR)
Eduardo Pimentel Menezes (UERJ)
Euripedes Falcao Vieira (IHGRRGS)
Fabio Eduardo Cressoni (UNILAB)
Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)
Jairo Marchesan (UNC)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Karla Rosário Brumes (UNICENTRO)
Leandro Baller (UFGD)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (UNICENTRO)
Luiz Guilherme de Oliveira (UnB)
Marcel Mendes (Mackenzie)
Marcio Jose Ornat (UEPG)
Marcio Luiz Carreri (UENP)
Maurilio Rompatto (UNESPAR)
Mauro Henrique de Barros Amoroso (FEBF/UERJ)
Michel Kobelinski (UNESPAR)
Rafael Guarato dos Santos (UFG)
Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol (UNESP)
Sergio Murilo Santos de Araújo (UFCG)
Simone Rocha (UnC)
Sylvio Fausto Gil filho (UFPR)
Valdemir Antoneli (UNICENTRO)
Venilson Luciano Benigno Fonseca (IFMG)
Vera Lúcia Caixeta (UFT)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Esta obra foi realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Instituto Federal de Rondônia (IFRO – Edital nº 10/2024/REIT/PROPESP/IFRO)



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Aos povos ribeirinhos do Baixo Madeira,
guardiões dos rios, das florestas e das memórias,
cujas vidas se entrelaçam com as águas,
e cujas histórias ecoam nas vozes das matas.

Que esta obra seja um tributo à sua resistência,
um reconhecimento de seus saberes,
e um convite para que suas vozes
nunca mais sejam silenciadas.

Com respeito e admiração,
os autores.

"Ser beradeiro é resistir."

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

A história oficial é contada por quem sabia escrever e a que fica por mais tempo. A história dos povos da floresta é contada de geração a geração por isso não podemos deixar de ouvi-la para que ela se eternize.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

SUMÁRIO

PANORAMA GERAL – TERRITÓRIO E IDENTIDADE AMAZÔNICA

1. A AMAZÔNIA 19

2. A NATUREZA E OS POVOS DO BAIXO MADEIRA 23

3. O BAIXO MADEIRA E SEUS DISTRITOS: o município de Porto Velho..... 31

1ª SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS 37

FORMAÇÃO TERRITORIAL E IDENTITÁRIA RIBEIRINHAS

4. O DISTRITO DE DEMARCAÇÃO: o litígio em torno do paralelo 8º 48”..... 43

5. O DISTRITO DE CALAMA: o distrito que foi criado duas vezes... 49

2ª SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS 55

CULTURA, RESISTÊNCIA E VIDA RIBEIRINHA

6. DISTRITO DE NAZARÉ: uma referência cultural 61

7. DISTRITO DE SÃO CARLOS: o mais antigo dos distritos de Porto Velho 65

PALAVRAS FINAIS 71

3º SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS 73

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

PROPOSTA DIDÁTICA – MEMÓRIAS BERADEIRAS:
um projeto de educação territorial e identitária no Baixo Madeira 77

REFERÊNCIAS 81

ÍNDICE REMISSIVO 91

SOBRE OS AUTORES 93

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

APRESENTAÇÃO

A obra GEO-HISTÓRIA DO BAIXO MADEIRA: SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO TERRITORIAL BERADEIRA nasce da escuta atenta aos povos da floresta e do respeito à memória coletiva das comunidades ribeirinhas do Baixo Madeira no Estado de Rondônia. Muito além de uma narrativa sobre o espaço amazônico, este livro é um convite ao reconhecimento e valorização de um território marcado por ancestralidades, saberes tradicionais, resistências e modos próprios de viver.

Em um momento em que os conhecimentos e culturas tradicionais ainda sofrem invisibilização em todos os segmentos socais, esta obra assume o compromisso de colocar o processo de formação territorial do Baixo Madeira no centro da produção do conhecimento escolar.

A diversidade ribeirinha do Baixo Madeira é apresentada não apenas como um dado, mas como valor formativo para a sociedade e escola com informações coletadas a partir de vasta pesquisa bibliográfica em obras raras e jornais de época que se encontram nas referências bibliográficas, oferecendo oportunidades de novas pesquisas. Não podemos permitir o apagamento das histórias e memórias locais.

Com linguagem acessível, fundamentação histórica e geográfica sólida, e forte ancoragem na realidade local, o livro aproxima os sujeitos — estudantes, educadores e comunidade — da história que lhes pertence.

Seu conteúdo permite trabalhar a educação geográfica e histórica com sentido, conectando os temas aos espaços vividos, às memórias familiares, aos rios, às festas, aos saberes cotidianos e às marcas da presença indígena, negra, nordestina e migrante.

Nesse sentido, a proposta pedagógica que se encontra no final da obra se articula como um desdobramento prático do livro. Ela visa desenvolver o protagonismo estudantil por meio do envolvimento com sua comunidade, da pesquisa, da escuta ativa em seus territórios e do despertar de conhecimentos enraizados.

Organizada em eixos temáticos — TERRITÓRIO E NATUREZA, HISTÓRIA E OCUPAÇÃO, CULTURA E

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

RESISTÊNCIA —, a proposta leva a comunidade escolar a investigar, registrar e celebrar as múltiplas dimensões que compõem a vida ribeirinha, além de procurar não separar história e geografia, mas apresentar as relações humanas no palco ecológico e territorial que as localiza.

Para quem não é das comunidades ribeirinhas, fica o convite à visitação, ao conhecimento e ao aprofundamento aos conhecimentos desta região pouco evidenciada nas políticas públicas e nas percepções da população rondoniense.

A educação territorial que se propõe aqui é transformadora porque parte da valorização dos territórios existenciais e simbólicos dos sujeitos. Ao reconhecer que "ser beradeiro é resistir", o livro e sua proposta didática promovem uma educação identitária, que combate apagamentos e constrói pertencimento.

Mais do que ensinar sobre o Baixo Madeira, esta obra ensina **a partir** do Baixo Madeira, colocando cada lugar em seu *lócus* de enunciação. Uma perspectiva fundamental para formar sujeitos críticos, conscientes de sua história e comprometidos com a preservação do seu território.



Ilustração 1: Paulo Emmanuel Cunha da Silva

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

PANORAMA GERAL – TERRITÓRIO E IDENTIDADE AMAZÔNICA

Figura 1 – Passarelas de madeira no Distrito de Calama



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

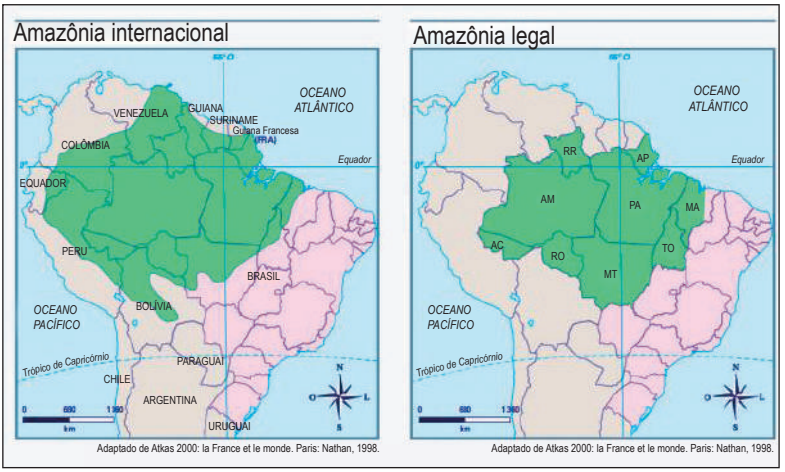
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

1.
A AMAZÔNIA

A **Amazônia** é a região da América do Sul ocupada pela floresta amazônica: a maior e mais rica região do planeta em termos de biodiversidade e de extrema importância para a regulação de climas. A Amazônia está presente em oito países, além do Brasil (Figura 2). No Brasil ela está presente, em nove estados, incluindo o estado de Rondônia.

Figura 2 – Amazônia Internacional e Amazônia Legal



Fonte: Editora Ática, 2025.

A água, em suas diversas formas é a marca da paisagem amazônica: no subsolo (aquíferos e lençóis freáticos), na evapotranspiração de plantas e animais, no ar (nuvens, chuvas e vapores), e na superfície (rios grandes e pequenos, de cores variadas e sempre com muita vida).

A **Amazônia** é a maior floresta tropical do mundo, abrangendo cerca de **7 milhões de km²** e estendendo-se por nove países da América do Sul: **Brasil (60% do bioma), Peru, Colômbia, Bolívia, Equador, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa**. No Brasil, ela ocupa aproximadamente **49% do território nacional**, distribuída principalmente pelos estados da **Região Norte**, além de partes do **Maranhão e Mato Grosso**.

A posição geográfica da Amazônia na região intertropical, juntamente com a floresta e a massa de ar Equatorial Atlântica, vão compor o clima Equatorial (quente e úmido).

A energia do sol que se converte em calor e iluminação. Esta energia vai movendo os fluxos da vida na Amazônia, e os povos da floresta vão usufruindo deste ecossistema de forma não só em termos de subsistência, mas fazendo parte de sua essência e sua identidade, a **identidade "amazônida".**

A identidade amazonida é a **alma da Amazônia**. É o conjunto de valores, saberes, práticas, visões de mundo, expressões culturais e a relação profunda com o ambiente natural que define o que é ser e viver na Amazônia, diferenciando-a de outras regiões do Brasil e do mundo. É um conceito que busca afirmar a identidade própria e a importância intrínseca da região e de seus povos.

O Clima da região é o Equatorial Continental caracterizado por chuvas abundantes de novembro a abril e dos meses de maio a setembro temos poucas chuvas, caracterizando o verão amazônico. Às vezes ocorrem as friagens, que são curtos períodos em que as temperaturas médias baixam um pouco, ficando em torno de 10º a 18º, fugindo à regra em que as máximas ficam em torno de 35º. Isso acontece quando a massa polar atlântica, vinda do sul do país, chega em Rondônia.

A presença dos rios também é marcante na Amazônia. Eles fluem pela paisagem e pelo imaginário de seu povo, com destaque para o Amazonas, principal rio da Amazônia. O rio Amazonas tem mais de 1.110 afluentes, mas existem os maiores e mais conhecidos: na margem direita temos representantes como os rios Negro, Japurá, Juruá e Purus. Na margem esquerda podemos citar os rios Madeira, Tapajós e Xingu.

O rio Madeira nasce do encontro de dois rios: o rio Beni, que desce pela Cordilheiras dos Andes na Bolívia, e o rio Mamoré-Guaporé que faz divisa entre Brasil e Bolívia. As águas do rio Madeira são abastecidas tanto pelas chuvas como pelo degelo das neves da Cordilheira do Andes.

Além da exuberância ecológica, a Amazônia guarda riquezas que só um olhar muito atento pode perceber: o tempo geológico revela os muitos processos de erosão e deposição que

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

moldaram o solo e a fertilidade das várzeas dos rios de planície; a flora e a fauna foram se adaptando a este delicado ambiente. Aliado a isso, os povos ancestrais usaram sua sabedoria tradicional para ler os sinais que a natureza oferece: plantam e colhem, caçam e pescam respeitando os ritmos naturais.

Atualmente, a natureza amazônica e sua população sofrem um rápido processo de destruição e desrespeito. As comunidades tradicionais tentam manter seu modo de vida de *bem-viver*, respeitando a natureza. São muitas agressões: desmatamento; poluição de rios com lixo e mercúrio; caça e pesca predatórias; não demarcação de territórios como é de direito das populações tradicionais; além do preconceito à história e à **cultura beradeira**, que resistem as tentativas de apagamento.

A **cultura beradeira** é o conjunto de saberes, práticas e significados construídos por comunidades ribeirinhas amazônicas através de um processo histórico de adaptação criativa à floresta, transformando estratégias de subsistência em identidade cultural enraizada. Ela se afirma como resistência ante a exclusão social e a hegemonia desenvolvimentista, mantendo sua essência mesmo em contextos de transformação radical, pois transcende o cotidiano para tornar-se consciência coletiva de pertencimento ao território e ao modo de vida tradicional.

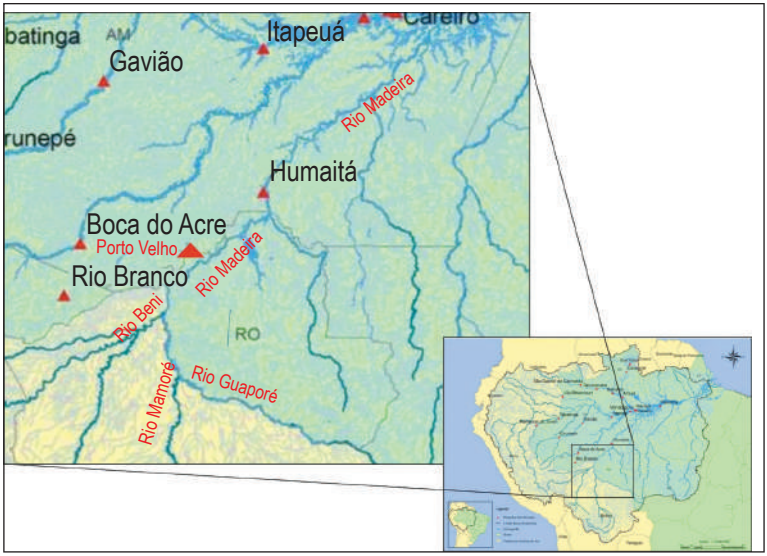
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

2.
A NATUREZA E OS POVOS DO BAIXO MADEIRA

Do encontro entre os rios Mamoré-Guaporé e Beni (Figura 3), na altura da cidade de Nova Mamoré, o rio Madeira passa por quase toda a extensão do município de Porto Velho.

Figura 3 – Encontro entre os rios Mamoré-Guaporé e Beni



Fonte: Adaptado de CPRM, 2025.

O rio Madeira já foi conhecido como rio Irury, por causa dos indígenas que o habitavam, e depois passou a ser chamado Caiari, que significava “rio dos cedros”, ou mesmo madeira sobre as águas, o que hoje o denomina devido à quantidade de madeiras que descem rio abaixo durante os períodos de cheia, tornando a navegação um grande desafio, tendo um grande volume de água.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

A força rio também leva, além de muitas madeiras, sedimentos (areia, argila etc.) das margens, criando o fenômeno conhecido como **Terras Caídas**, que é o desbarrancamento natural das margens do rio.

Terras caídas são as quedas dos barrancos nas margens dos rios devido à erosão (retirada) de matérias pela correnteza do rio. Como consequência, as construções das margens também podem cair nas águas. Apesar de ser um fenômeno natural, o ser humano acelera o processo retirando a vegetação das margens. Essa vegetação se chama mata ciliar, e ela ajuda a proteger as margens dos rios.

A partir do relevo, dividimos o rio Madeira em duas partes: Alto Madeira que fica à montante da Cachoeira de Santo Antônio, hoje Hidrelétrica de Santo Antônio, e Baixo Madeira, à jusante da Cachoeira de Santo Antônio.

A construção desta hidrelétrica, assim como da Usina de Jirau, nos seus respectivos locais, foi possível tanto pelos terrenos mais firmes que o rio atravessa no alto Madeira como também pela existência de rochas que formavam cachoeiras. A usina de Jirau foi construída na cachoeira conhecida como Jirau ou Caldeirão do Inferno. A força e o volume da água foram suficientes para justificar a construção dessas hidrelétricas no rio.

Usinas do Rio Madeira (Santo Antônio, operante desde 2012, e Jirau, desde 2013) causaram profundos **impactos socioeconômicos e ecológicos**. Comunidades ribeirinhas e pescadores tiveram suas vidas transformadas, com perdas comprovadas por estudos da Universidade Federal de Rondônia. As barragens interferiram no ecossistema aquático: peixes perderam áreas de reprodução e abrigo, e espécies tiveram suas rotas migratórias prejudicadas.

A construção das usinas trouxe grandes **impactos socioeconômicos e ecológicos** aos povos ribeirinhos alterando locais de moradia, impondo novas atividades econômicas conflitantes com a cultura local e impactos ecológicos negativos ainda não totalmente conhecidos.

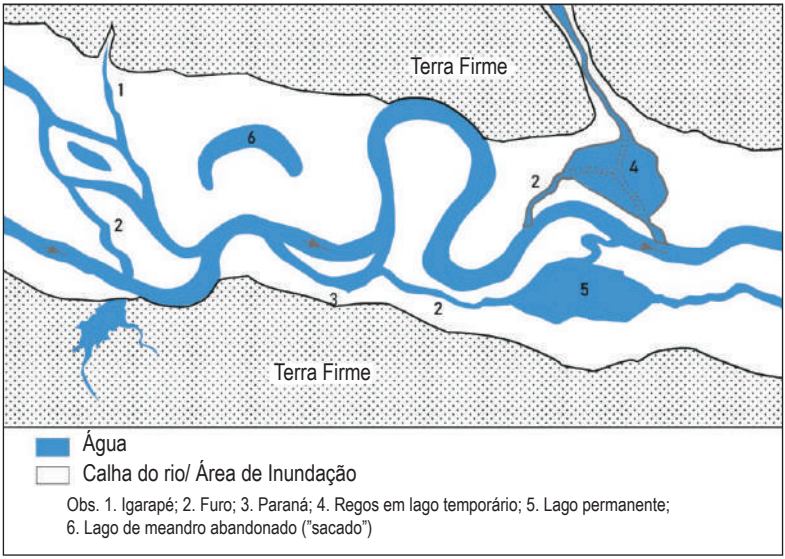
Para efeitos de planejamento territorial, o Rio Madeira foi dividido em Alto, Médio e Baixo Madeira mas nesta obra evidenciaremos as comunidades ribeirinhas dos distritos de São Carlos, Nazaré, Calama e Demarcação sem perder de vista que existem comunidade ribeirinhas ao longo de todo rio Madeira.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Originalmente, a região do alto Madeira pertencia aos povos indígenas de matriz cultural Arawak, que assim como os indígenas no baixo Madeira, passaram por diversos processos de colonização e foram destruídos nos conflitos para defender seus territórios. A produção da borracha foi o principal fator de ocupação e conflitos contra os indígenas.

No alto Madeira, o rio percorre vales encaixados. No baixo madeira, o rio passa por terrenos sedimentares com baixa altitude, alagadiços, compostos por sedimentos (areias, argilas etc.), formando lagos, paraná-mirins, furos etc. como se pode observar na Figura 4, abaixo:

Figura 4 – Principais elementos da drenagem amazônica



Fonte: Adaptado de Soares, a*pud* Bernarti, 2025.

Essa diversidade de formas de relevo faz com que a vida vá se adaptando. A vegetação, por exemplo acompanha o nível das águas e se distribui em diversas espécies e porte como mostra a Figura 5.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 5 – Tipos de matas amazônicas conforme posição em relação ao rio



Fonte: Adaptado a partir de CEEJA, 2019, p. 12.

A área do rio é toda superfície que ele ocupa em período de cheias e vazante: o rio vive uma dinâmica, não é estático. A mata de terra firme se caracteriza por uma floresta densa, com variedade de árvores como a castanheira, o mogno, a seringueira e a sumaumeira que estão em locais que, geralmente, nunca alagam.

A Mata de Várzea, pela dinâmica de cheias e vazantes do rio, possui vegetação de menor porte, que varia de árvores menores, palmeiras, herbáceas e outras que se adaptam a essa variação da presença da água. Como exemplares temos o açaí, murumuru, seringueira, a **paxiúba**, sucupira, faveira e andiroba. A mata da várzea é responsável pela retenção de sedimentos aumentando a fertilização das margens e também contribui para a conversão de alimentos para os peixes nos vários períodos do ano. Se elas forem removidas, a biodiversidade aquática estará ameaçada.

Tanto em terra firme quanto na várzea, temos os animais de pequeno e maior porte como a

Paxiúba é o nome popular de palmeiras amazônicas do gênero *Socratea*, especialmente *Socratea exorrhiza* (sinônimo: *Iriartea exorrhiza*). Conhecida por suas raízes adaptativas aéreas e longas – que lembram tendões e sustentam a planta em solos pantanosos e de várzea, atinge cerca de 13 m de altura. Suas raízes permitem que a palmeira literalmente 'ande', redistribuindo-se em busca de luz. Além da função estrutural, são utilizadas tradicionalmente por povos indígenas (como os Yanomami) na alimentação, construção de casas, produção de artefatos e até na fabricação de instrumentos de sopro.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

onça, a anta, a preguiça, os macacos, os jacarés, as aves, as cobras, as tartarugas, entre outros.

A Mata de Igapó é composta por uma vegetação adaptada a viver constantemente na água. Algumas espécies vegetais nativas são: a vitória régia, o buriti, entre outras menores. No ambiente aquático, vamos ter uma variada fauna de peixes que se destacam na culinária e no imaginário popular como a jatuarana, o pirarucu, o poraquê, o tambaqui, o candiru, o piau, entre muitos outros.

Imagine os europeus das regiões mais frias, com menos variedade de plantas e animais, diante da Amazônia e sua explosão de cores, sons, cheiros e sabores jamais imaginados. O deslumbramento veio junto com o objetivo de dominar.

A história oficial afirma que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, omitindo os milhares de indígenas que aqui viviam. Portugueses, espanhóis e franceses invadiram um território já conhecido, habitado e organizado por povos originários.


Ilustração 2: Ranaís Miron Costa

Estes povos que aqui estavam não possuíam a força e a tecnologia suficientes para combater os invasores. Na região do Madeira (rio Madeira e afluentes), Vitor Hugo (1959) registra a presença dos indígenas Mura, Parintintins, Karipuna, Pano, Ariqueme, Torá, Nambiwara, Pauté, Quepiriwal, Mondé, Sanamaica, Arawaque que foram dizimados. As mulheres indígenas eram forçadas a se unir com os homens para formar a população que devia ser comandada pela coroa portuguesa.

O principal objetivo da coroa era aumentar e controlar o extrativismo da borracha entre outras especiarias (castanha-do-pará, guaraná, cacau, baunilha, entre outras) mas para que isso acontecesse era necessário impor uma nova forma de viver, buscando lucro e acumulação, o que não era o interesse dos povos tradicionais.

A produção da borracha impôs profundas mudanças na organização social dos povos tradicionais que aqui já estavam:

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

os conflitos para escravizar os indígenas foram constantes. Aos poucos, os imigrantes foram chegando ou sendo trazidos à força e formando povoações de exploração da borracha, os chamados seringais. Podemos situar a produção da borracha em dois períodos distintos:

- **1º período:** Inicia-se o primeiro ciclo de apogeu da borracha entre os anos de 1877 e 1910, acompanhando a revolução industrial e o início da produção em massa de automóveis. O fim do ciclo ocorreu quando sementes da seringueira, árvore que produz o látex, foram levadas para a Ásia (Malásia) e começaram a produzir em larga escala, sem as dificuldades e riscos de coletar no meio da floresta. Época de maior perseguição, escravização e destruição dos indígenas. A presença dos negros escravizados na região do rio Madeira é um aspecto importante da história local, embora ainda pouco discutido. No século XVIII, essa região serviu como rota de fuga para pessoas escravizadas que eram levadas para trabalhar nas minas de ouro de Cuiabá. Mais tarde, com a expansão da extração da borracha, surgiram os seringais, que também passaram a usar o trabalho de negros escravizados, trazidos à força, incluindo tanto homens quanto mulheres. Assim como os indígenas, os negros foram parte essencial desse sistema de exploração. Nos seringais, trabalhavam pessoas de diferentes origens, com diversas condições legais e até nacionalidades distintas. Muitos eram recrutados de forma forçada, compondo uma força de trabalho marcada pela violência e pela desigualdade. Entender esse contexto é fundamental para reconhecer o papel dos povos indígenas e das populações negras na formação social e econômica da região amazônica (Costa,2019).
- **2º período:** O segundo ciclo ocorreu entre os anos de 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, quando os seringais da Malásia foram invadidos e

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Os **Soldados da Borracha** foram brasileiros recrutados entre 1943 e 1945 para extrair látex na Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial, a pedido dos Estados Unidos. Cerca de 60 mil homens (sem preparo prévio para o ambiente amazônico), em sua maioria nordestinos, foram enviados para a região com a promessa de bons salários, moradia e transporte de volta. Na prática, enfrentaram calor extremo, mosquitos, doenças, condições precárias, altas taxas de mortalidade e isolamento na floresta amazônica.

A medida tinha o objetivo de extrair látex para abastecer a indústria bélica aliada, substituindo a borracha da Malásia (ocupada pelos japoneses). As condições de trabalho consistiam em jornadas exaustivas, habitações precárias e falta de apoio médico. Muitos morreram na selva; os sobreviventes ficaram na Amazônia sem apoio. Só décadas depois receberam reconhecimento oficial e indenizações tardias.



controlados pelo Japão, forçando os Estados Unidos a voltar a comprar a borracha do Brasil. Nesse contexto de guerra, o governo brasileiro criou a figura do **Soldado da Borracha**, composto por nordestinos, que sem o devido preparo, foram enviados para o interior da floresta, nos seringais, para explorar a borracha. A esses homens foram prometidas muitas vantagens que não foram cumpridas. Ao final da guerra, ninguém veio resgatar esses soldados, que foram deixados à própria sorte. Os que sobreviveram formaram famílias e continuaram suas vidas em meio às dificuldades.

O seringal era uma região ampla de milhares de hectares em que as casas dos seringueiros eram afastadas umas das outras. Onde havia muitas seringueiras próximas, o seringalista criava uma "colocação", estabelecendo uma posição de moradia do seringueiro, em geral, às margens dos rios para facilitar o escoamento da borracha que ele coletava.

O seringalista era o dono de uma vasta área, em geral doada pela coroa portuguesa para que fosse explorada e guardada das nações inimigas que disputavam a posse do território brasileiro, como por exemplo, os espanhóis.

Os mantimentos que os seringueiros precisavam (roupas, equipamentos, remédios, alimentos etc.) eram vendidos na casa de aviamentos dos seringalistas. Os produtos eram propositadamente muitos caros para fazê-los ficar endividados e presos aquela situação (se dizia "aviava" o mesmo que endividava).

Para tentar evitar o endividamento, eles produziam tudo que podiam para se alimentar, mas estavam na mata, tendo que

se proteger das doenças, dos animais e de todos os perigos que lhe foram impostos pela necessidade. A família toda tinha que trabalhar pela sobrevivência na floresta, a mulher, em geral, cuidava da proteção das crianças muito pequenas e da alimentação: plantava, colhia, pescava, processava os alimentos e armazenava.

O homem saia para colher o látex da seringueira, e enquanto a seringa era produzida, buscava caçar alguma ave ou animal para completar a alimentação. Muitas crianças, meninos e meninas, já mais crescidas de 6 a 7 anos, já acompanhavam o pai na atividade mais longe de casa. Na maioria das vezes, todos tinham que participar da produção da borracha que devia ser gerada em grandes quantidades.

O lugar da mulher, descrito por Vitor Hugo (1959) era difícil, mas as uniões sempre se davam pela necessidade do seringueiro em ter alguém que organizasse a casa, fizesse a comida, pegasse água no rio subindo e descendo pelo barranco. Mal se conheciam e o pai da mulher já concedia a união para deixar de alimentar mais uma boca. As uniões feitas pelo interesse que os homens tinham na utilidade que a mulher poderia lhes proporcionar.

Essa vida na floresta era difícil em vários aspectos em especial pelas difíceis condições da floresta, aliada ao trabalho extenuante pois muitos acham que o seringueiro trabalhava quando queria e não era assim. O seringalista observava a produção e não havia dinheiro, tudo era na base de troca (borracha por qualquer produto). Havia seringalistas violentos, outros nem tanto. Mas o sistema de endividamento era constante e isso o impedia de sair do seringal ou trabalhar em outro local até quitar as dívidas. O seringueiro não tinha tempo para a roça, isso ficava com a mulher e os filhos. O preço dos produtos que comprava sempre era exorbitante e a dívida quase nunca era possível de ser paga pois o seringueiro, muitas vezes analfabeto sequer conseguia calcular tudo, era devedor de uma dívida impagável, um escravo.



Ilustração 3: Ranaís Miron Costa

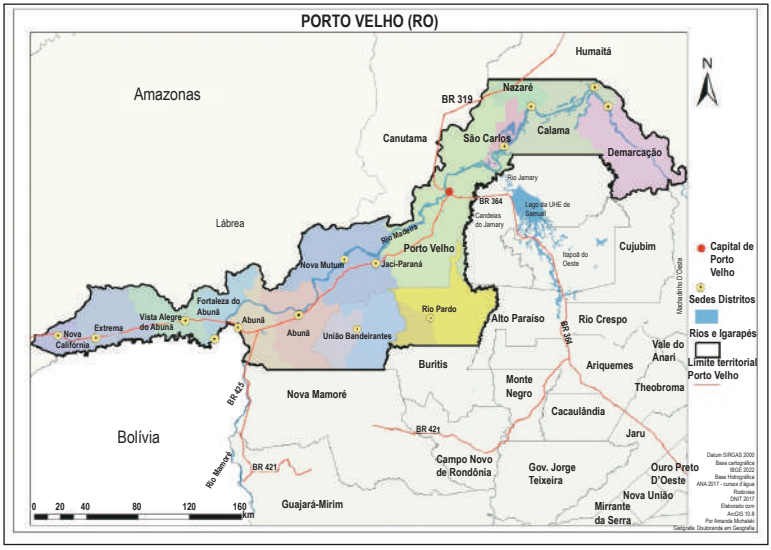
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

3.
O BAIXO MADEIRA E SEUS DISTRITOS: o município de Porto Velho

O município de Porto Velho (Figura 6), fundando em 1914, localizado no Estado de Rondônia se destaca por sua extensão territorial ocupando o 26º lugar com 34.090,952 km² abrigando uma rica biodiversidade e organizado em 14 distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã, União Bandeirantes e Rio Pardo, estes dois últimos criados pelas Leis municiais nº 1.535, de 6/10/2003 e Lei nº 2.082, de 9/10/2013, respectivamente.

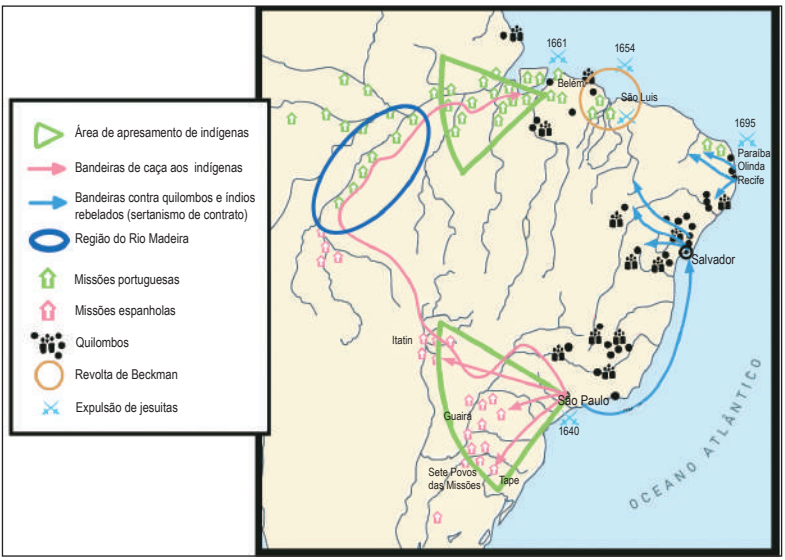
Figura 6 – Mapa de localização dos distritos de Porto Velho



Fonte: organizados pelos autores, 2025.

A região do município foi palco de intensa movimentação no período colonial tendo registros de passagens de bandeirantes. As Bandeiras, assim como as Entradas eram expedições que buscavam riquezas (ouro, pedras preciosas) e escravizavam indígenas. Assim, ocuparam violentamente terras já povoadas há milênios, redefinindo fronteiras *à* custa de vidas nativas. A partir da Figura 7 percebemos que uma das rotas do Bandeirante Antônio Raposo Tavares -1647- foi pelos rios Mamoré e Madeira.

Figura 7 – Rota de expedição colonizadora



Fonte: Adaptado a partir de Campos e Dolhnikoff (1997).

A formação de Porto Velho é o resultado de uma soma de disputas entre Portugal e Espanha e os indígenas nativos. As nações estrangeiras tentavam estabelecer os limites territoriais e pela força militar e, no caso de Portugal, apoiando as ordens religiosas a imporem normas de conduta para impor uma cultura de dominação.

No início da colonização foram criados mitos para estimular as coroas e financiadores particulares a buscar toda forma de riqueza no Brasil. Alguns mitos foram: O Reino das Amazonas, A Mãe do Ouro, **O Eldorado**, entre outros.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

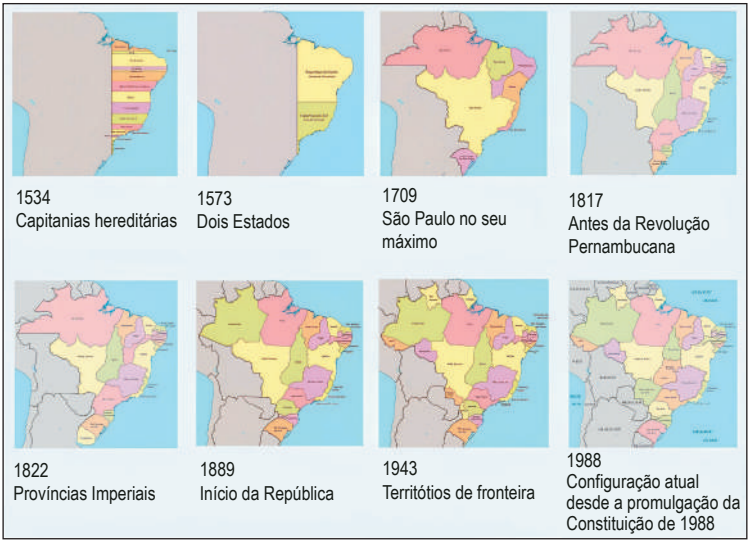
Uma vez que as fábulas de cidades de ouro não se concretizaram, a atenção se voltou para as drogas do sertão e entre elas a borracha natural produzida a partir da seiva da árvore seringueira. Enquanto a navegação era a única forma de acessar a região de Porto Velho a natureza foi preservada e muitos povo protegidos.

A formação territorial do munícipio está ligada primeiramente a formação territorial do Brasil (Figura 8), com mais destaque em 1943 com a criação do Território Federal do Guaporé, que foi criado em com desmembramento de terras dos estados do Mato Grosso e Amazonas.

Eldorado surgiu de relatos distorcidos sobre um ritual muísca na atual Colômbia, onde um líder se cobria de ouro. Mas o fascinante é como essa imagem foi transformada numa cidade inteira de ouro na imaginação europeia.

O Eldorado nunca existiu, mas **funcionou perfeitamente como propaganda colonial**. Foi um "**sonho de ouro**" vendido a financiadores para bancar a ocupação brutal das Américas. Quando a lenda se desfez (século XVIII), seu rastro era claro: sangue indígena e riqueza real extraída pelo trabalho escravo — não por cidades míticas.

Figura 8 – Evolução Territorial do Brasil



Fonte: CEEJA, 2019, p. 6.

Contudo, o crescimento econômico foi acontecendo, a industrialização, o crescimento das cidades, a concentração fundiária e a Amazônia era vista como um lugar não habitado e pouco explorado. Assim, a partir da década de 60 a conexão com as regiões do centro-sul do Brasil passou a ser mais intensa pelas estradas que eram melhoradas devido a expansão da atividade agrícola que avançou sobre a floresta.

Segundo a divisão administrativa do Município de Porto Velho, o alto Madeira é composto pelos distritos Abunã, Extrema, Fortaleza do Abunã, Nova Califórnia, Vista Alegre do Abunã, Mutum Paraná, Rio Pardo e União Bandeirantes, tendo seu surgimento e desenvolvimento a partir de dois processos: exploração da borracha e avanço da fronteira agrícola. O Médio Madeira abriga os distritos de Mutum Paraná, Jaci-Paraná e Porto Velho.

O baixo Madeira é formado pelos distritos de São Carlos, Nazaré, Calama e Demarcação e, devido a posição mais afastada das principais vias de transporte terrestre (ferrovia e rodovia), foi marcado pela exploração da borracha e com uma economia mais centrada no extrativismo e menor pressão sobre os recursos naturais.

Apresenta maior preservação da floresta e dos valores culturais dos povos tradicionais. Fato que está mudando: a pesca predatória, desmatamento, avanço do agronegócio, contaminação dos rios, entre outros processos depredatórios, tem acelerado o processo de destruição da floresta e do modo de vida tradicional das populações ribeirinhas. Sem um planejamento socioeconômico e ambiental específico para esta região, os riscos de conflitos são crescentes, além de que a crise hídrica que tem se instalado na Amazônia afeta negativamente toda a população ali residente. A população do Baixo Madeira foi contabilizada pelo IBGE (2022) da seguinte forma:

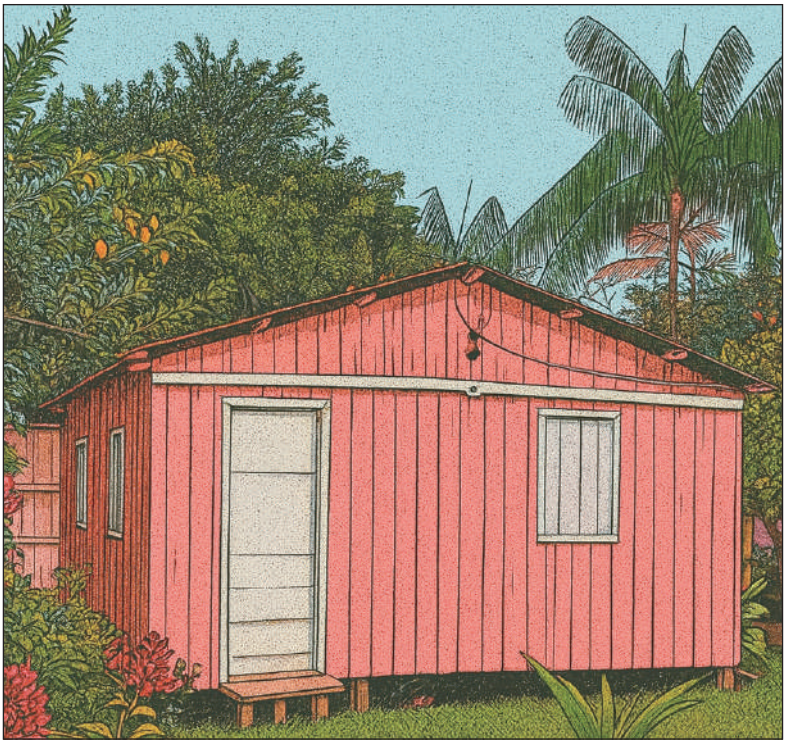
1. Distrito de Demarcação – 845 habitantes;
2. Distrito de São Carlos – 1.176 habitantes;
3. Distrito de Nazaré – 607 habitantes; e
4. Distrito de Calama – 2.312 habitantes.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

A marca da ocupação e vida no baixo rio Madeira é a relação dessa comunidade tradicional com o rio, que vai além de ser uma apenas uma fonte de recursos materiais, abrangendo também sua história, valores, crenças e percepções do mundo. Ribeirinho não é apenas quem mora na beira do rio, mas que tem uma relação de pertencimento e relação com a natureza amazônica e isso permeia sua identidade refletida na cultura, nas relações sociais e econômicas.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 9 – Casa de madeira no distrito de São Carlos



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

1ª SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS



Ilustração 4: Ranaís Miron Costa

Projeto Integrador: Expedição Ambiental – Reconhecendo Meu Lugar
Público-alvo: Estudantes do Ensino Fundamental I (1º ao 9º ano)
Duração estimada: 3 a 4 semanas
Eixo Temático: Educação Ambiental e Cidadania
Área(s) do Conhecimento: Ciências, Língua Portuguesa, Arte, Geografia

Justificativa

Promover a conscientização ambiental desde cedo é fundamental para formar cidadãos sensíveis às questões do meio ambiente. Este projeto busca aproximar as crianças da natureza local, incentivando a observação crítica, a valorização da biodiversidade e a reflexão sobre as transformações causadas pela ação humana.

Objetivos

- Desenvolver o olhar investigativo e curioso para o meio ambiente próximo.
- Reconhecer elementos naturais e intervenções humanas em áreas verdes locais.
- Estimular registros escritos, artísticos e fotográficos como forma de expressão.
- Favorecer a interdisciplinaridade por meio de atividades simples e integradoras.
- Incentivar a construção coletiva de reflexões sobre cuidado e preservação ambiental.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Metodologia e Etapas

1ª Etapa – Preparação (em sala de aula ou biblioteca)

- **Dinâmica inicial:** Roda de conversa com imagens de rios, igarapés e matas.
- **Atividade prática:** Mapa mental coletivo com o título "O que já sabemos sobre a natureza ao nosso redor".
- **Materiais:** cartolina, canetinhas, figuras recortadas de revistas, imagens projetadas.

2ª Etapa – Expedição Ambiental (Trabalho de Campo)

Atividade: Passeio guiado até um igarapé, rio ou área verde próxima.

Tarefa:

- Observar os sons, cheiros, cores e texturas.
- Identificar a presença de animais, plantas e sinais da ação humana.
- Fazer registros simples: fotos (pelo professor ou familiares), desenhos rápidos em pranchetas ou cadernos.

Acolhimento: Conversar em roda sobre o que mais chamou atenção.

Materiais: pranchetas, folhas, lápis de cor, giz de cera, celular ou câmera.

3ª Etapa – Registro e Produção

- **Atividade 1:** Diário de Campo ilustrado — cada aluno desenha ou escreve uma frase sobre a experiência.
- **Atividade 2:** Produção artística — colagens, pinturas ou maquetes com materiais recicláveis representando a paisagem visitada.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

- **Atividade 3:** Pequenos textos coletivos — escrita em grupo com ajuda do professor: "Como podemos cuidar melhor da natureza perto de nós?"

4ª Etapa – Produto Final e Compartilhamento

Produto:

- Mural coletivo chamado "Reconhecendo Meu Lugar", com: Fotos e desenhos dos alunos.
- Textos curtos e reflexões.
- Pequenas frases de cuidado ambiental.

Ação coletiva: Exposição no corredor da escola ou em espaço comunitário.

Atividade extra (opcional): Produção de um vídeo curto (2 a 3 min) com as falas das crianças sobre a expedição.

Avaliação

- Participação nas rodas de conversa.
- Interesse e envolvimento no trabalho de campo.
- Qualidade dos registros (não estética, mas esforço e observação).
- Contribuição na montagem do mural coletivo.

Recursos Necessários

- Materiais básicos de arte (papel, tinta, lápis de cor, cola, folhas e flores secas, gravetos e outros materiais naturais).
- Pranchetas ou suportes simples para desenho no campo.
- Câmera ou celular (professor/família).
- Espaço para montagem do mural.

Resultados Esperados

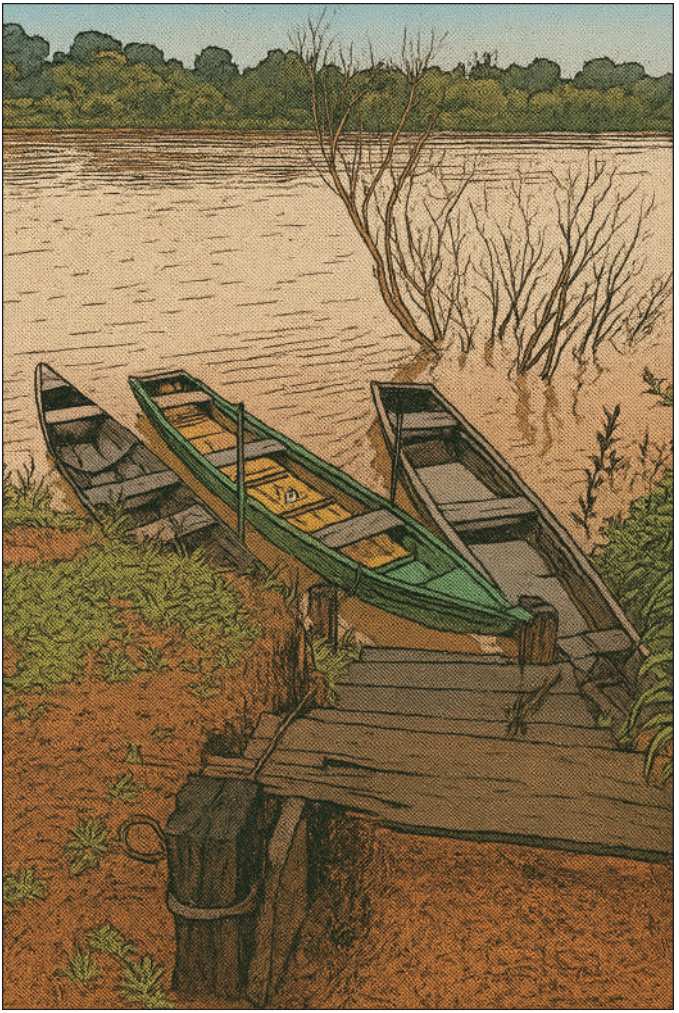
- Maior valorização do ambiente natural local.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

- Desenvolvimento da observação crítica e da expressão criativa.
- Fortalecimento do trabalho em grupo e da consciência cidadã.
- Aproximação da comunidade escolar de práticas de preservação ambiental.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 10 – Barcos atracados às margens do rio Machado no Distrito de Demarcação



Fonte: Fotografia vetorizada de Saulo Gomes de Sousa (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

4.
O DISTRITO DE DEMARCAÇÃO: o litígio em torno do paralelo 8º 48”

O Distrito de Demarcação situa-se às margens do rio Machado ou Ji-Paraná, que é o único rio totalmente rondoniense nascendo na Chapada dos Parecis, um dos afluentes da margem direita do Rio Madeira. Apesar de ser um rio que apresenta desníveis, formando pequenas cachoeiras, o rio Machado é totalmente navegável.

Figura 11 – Barcos e Balsas atracados às margens do rio Machado no Distrito de Demarcação



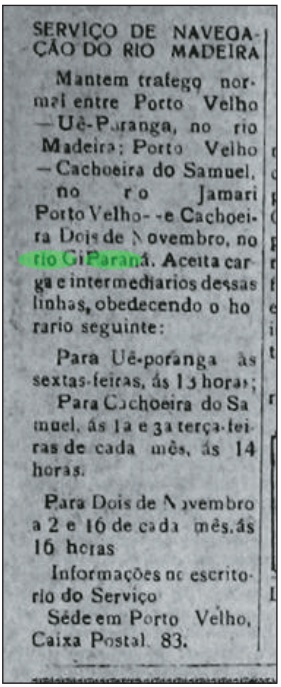
Fonte: Fotografia vetorizada de Saulo Gomes de Sousa (2023).

Antes da colonização, ao longo do rio Machado, o povo indígena Torá era o grupo dominante vindo de outras áreas do Amazonas onde foram perseguidos. Era cultivador de mandioca e milho e passou a participar do processo de exploração da borracha vendendo para os seringalistas e para a coroa por

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

valores muito pequenos. Também vendia a seringa e outros produtos para os comerciantes dos rios, os chamados regatões.

A destruição dos indígenas do Distrito de Demarcação inicia com a exploração da borracha nativa, e seu transporte que descia pelo rio Ji-Paraná/Machado e era encaminhada para Manaus.



SERVIÇO DE NAVEGAÇÃO DO RIO MADEIRA

Mantem trafego normal entre Porto Velho —Uê-Paranga, no rio Madeira; Porto Velho —Cachoeira do Samuel, no rio Jamari Porto Velho- -e Cachoeira Dois de Novembro, no rio GiParaná. Aceita carga e intermediarios dessas linhas, obedecendo o horario seguinte:

Para Uê-paranga às sextas-feiras, ás 13 horas;

Para Cachoeira do Samuel, ás 1a e 3a terça-feiras de cada mês, ás 14 horas.

Para Dois de Novembro a 2 e 16 de cada mês, ás 16 horas

Informações no escritorio do Serviço

Séde em Porto Velho, Caixa Postal. 83.

Alto Madeira:
04 de abril de 1946, p. 3

Os colonizadores portugueses iniciaram sua territorialização e muito depois vieram seringalistas e seringueiros de várias partes do Brasil, como os nordestinos. Muitos nordestinos vieram como soldados da borracha e foram formando famílias. A miscigenação do indígena, europeu e africanos deu origem ao caboclo amazônico que é um grupo social com identidade própria, e do qual os ribeirinhos fazem parte.

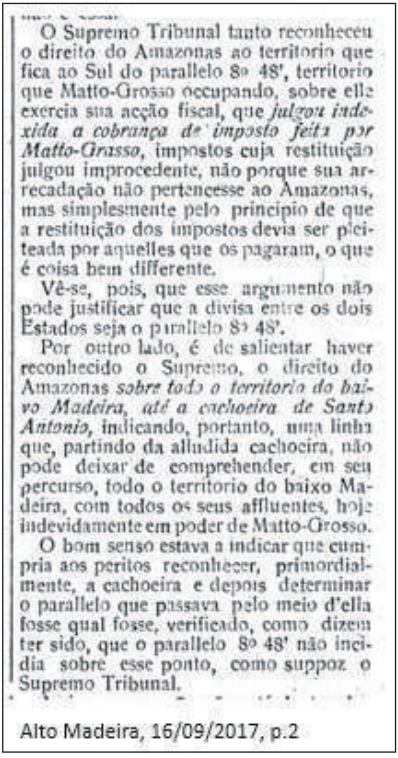
A região do rio Machado era economicamente muito ativa, pois se constituía numa via de escoamento da borracha produzida nas localidades do interior do estado (hoje conhecemos como Ariquemes, Machadinho Ji-Paraná etc.). o Rio Machado era a ligação mais curta entre estas regiões e o Rio Madeira e, consecutivamente, seguia para Manaus e Belém com objetivos de exportação. Havia inclusive linhas de navegação transportando pessoas e mercadorias. Vitor Hugo (1959) cita que em 1946 havia algumas famílias residindo na cachoeira 2 de Novembro, ponto de desembarque porque a passagem a partir daí, pelo rio era quase impossível dada a altura da cachoeira.

Há registros de que a região era bem movimentada, com povoados, seringais, transporte de mercadoria e ainda a busca de metais precisos com comprovada existência de metais ferrosos. Em 1925, conforme o mapa feito com informações da Prelazia de Porto Velho está indicada a existência

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

do Povoado de São Rafael no alto rio Machado (Giparaná na época) (Hugo, 1959).

Durante a criação do Território Federal do Guaporé (hoje Rondônia), o Estado do Mato Grosso perdeu os melhores seringais dos rios Guaporé, Jamari e Machado, o que ocorreu com muitas divergências sobre os limites, só pela justiça foi estabelecida uma definição, como se vê na reportagem do Jornal Alto Madeira (1917).



O Supremo Tribunal tanto reconheceu o direito do Amazonas ao territorio que fica ao Sul do parallelo 8º 48', territorio que Matto-Grosso occupando, sobre elle exercia sua acção fiscal, que *julgou indevida a cobrança de imposto feita por Matto-Grasso*, impostos cuja restituição julgou improcedente, não porque sua arrecadação não pertencesse ao Amazonas, mas simplesmente pelo principio de que a restituição dos impostos devia ser pleiteada por aquelles que os pagaram, o que é coisa bem differente.

Vê-se, pois, que esse argumento não pode justificar que a divisa entre os dois Estados seja o parallelo 8º 48'.

Por outro lado, é de salientar haver reconhecido o Supremo, o direito do Amazonas *sobre todo o territorio do baixo Madeira, até a cachoeira de Santo Antonio*, indicando, portanto, uma linha que, partindo da alludida cachoeira, não pode deixar de comprehender, em seu percurso, todo o territorio do baixo Madeira, com todos os seus affluentes, hoje indevidamente em poder de Matto-Grosso.

O bom senso estava a indicar que cumpria aos peritos reconhecer, primordialmente, a cachoeira e depois determinar o parallelo que passava pelo meio d'ella fosse qual fosse, verificado, como dizem ter sido, que o parallelo 8º 48' não incidia sobre esse ponto, como suppoz o Supremo Tribunal.

Alto Madeira, 16/09/2017, p.2

A área de Demarcação pertencia ao município de Humaitá e o nome "Demarcação" surge devido aos litígios entre o estado do Amazonas e Mato Grosso sobre a definição da posse das áreas tributáveis da borracha. Este litígio em torno do paralelo 8º 48' (divisa entre os estados) culminou com a formação de uma comissão de demarcação para a definição dos limites dos estados e o Rio Machado ficou estabelecido como o limite entre os estados em disputa. Dessa forma, a área de Demarcação passou a fazer parte do Mato Grosso fazendo com que o Amazonas perdesse uma rica região produtiva de borracha.

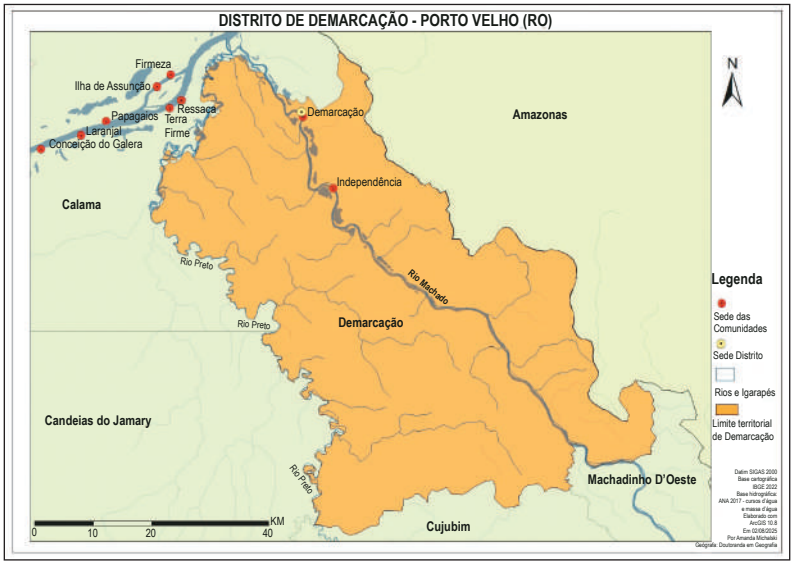
Com o final da segunda guerra mundial – 1945 – a produção da borracha da Amazônia entrou em declínio com o retorno da produção da borracha na Malásia e da produção da borracha sintética. A economia local da borracha entrou em decadência e aos poucos os seringais perderam sua população.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Com o avanço das políticas da fronteira agrícola, muitos seringais foram desapropriados para dar lugar aos projetos da reforma agrária ou a criação de reservas extrativas em reconhecimento aos direitos de muitos ex-serigueiros que já habitavam as localidades e ali produziam seus alimentos. Terras indígenas também foram demarcadas como ação de proteção àquele grupo tão perseguido que sem uma ação mais decisiva já teria desaparecido por completo. Isso não aconteceu tão pacificamente e até hoje os territórios das populações tradicionais sofrem ameaças de invasão e contaminação.

O distrito de Demarcação tem uma pequena área urbana (Figura 12) localizada na margem direita do Rio Machado, aproximadamente uns 30 quilômetros de Calama.

Figura 12 – Mapa de localização do distrito de demarcação e respectivas comunidades



Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

A área urbana possui duas ruas principais, longitudinais ao rio: a rua da Beira, que é um convite aos olhos, segue margeando

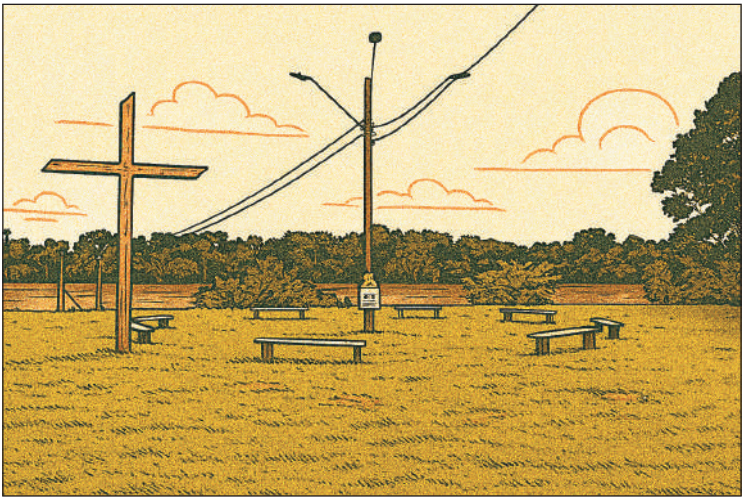
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

o rio. O distrito tem um posto de polícia, posto de saúde e "ambulancha" (ambulância das águas) que atende a região do Baixo Madeira.

A atividade econômica principal, além da recepção de turismo de pesca, é o extrativismo florestal, pesca artesanal e a produção de farinha. A comercialização dos produtos locais é feita por barco com destino à Porto Velho e Humaitá.

Os atrativos ecoturísticos são o passeio ao lago Cuiniãzinho e a apreciação do rio Machado/Ji-Paraná, que está em frente à comunidade e à sua Rua da Beira. Os principais festejos e celebrações da localidade são as festas católicas de São Lázaro, que geralmente ocorrem em janeiro ou fevereiro, e Santo Antônio, que acontece em junho. Também foi registrada a existência da festa da farinha.

Figura 13 – Praça de celebração religiosa à céu aberto às margens do rio Machado no Distrito de Demarcação



Fonte: Fotografia vetorizada de Saulo Gomes de Sousa (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

5.
O DISTRITO DE CALAMA:
o distrito que foi criado duas vezes

A habitação da localidade remonta à época dos indígenas Mura e outras etnias, que povoavam o rio Madeira e foram duramente combatidos pela coroa portuguesa por volta de 1743. Na região havia muitos escravizados indígenas que eram obrigados a participar da produção da borracha. Nesta localidade, por sua posição estratégica no Rio Madeira e desembocadura do rio Machado/Ji-Paraná, foi implantado um posto fiscal e algumas edificações.

O distrito de Calama teve duas criações: A primeira criação foi pela Lei Estadual nº 176, de 01/12/1938 criando o distrito de Calama quando a área pertencia ao município de Humaitá, Amazonas. Depois disso houve o desmembramento de terras do Amazonas e Mato Grosso para formar o Território Federal do Guaporé, em 1943.

O Decreto-lei nº 7.470, de 17 de abril de 1945, Fixou a divisão administrativa e judiciária do novo território criando dois municípios (Porto velho e Guajará Mirim) e 9 distritos (Porto-Velho, Abunã, Ariquemes, Calama, Jací-Paraná, Rondônia, Guajará-Mirim, Pedras Negras e Príncipe da Beira), portando 17/04/1945 é a segunda data de criação do Distrito de Calama.

Uma força econômica importante para a formação desta localidade foi a extração da borracha, que levou à implantação da empresa a Callama S/A com uma sede em Ji-Paraná, de propriedade do espanhol Manoel Antônio Parada Carbacho. A empresa era proprietária de seringais no baixo e médio Vales do rio Ji-Paraná/Machado, além dos seringais Campinas e Boa Esperança no rio Madeira, com muitos hectares.

O nome do distrito de Calama não tem uma história exata, mas se fala que está interligado a outros elementos locais. Há

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

registros da existência de uma empresa de nome Callama S/A que era dona do seringal Calama e de outros na região de Vila Rondônia, hoje Ji-Paraná (Hugo, 1991).

Outra hipótese é que tanto o nome da empresa quanto o nome do distrito "Calama" podem também se relacionar a existência de uma palmeira muito abundante em uma ilha na foz do Ji-Paraná, a palmeira Calâmeas (Figura 14), que era avistada pelos navegantes que desciam o rio até Calama. Na botânica a palmeira é classificada sob o termo *Calameae*, conforme ilustrado na imagem a seguir.

Figura 14 – Foto da Palmeira *Calameae*



Fonte: Cumming (2025).

O distrito ainda mostra na paisagem, as marcas da produção da borracha em algumas estruturas como o conhecido barracão de aviamentos (Figura 15).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 15 – Antigo Barracão de Aviamentos no Distrito de Calama

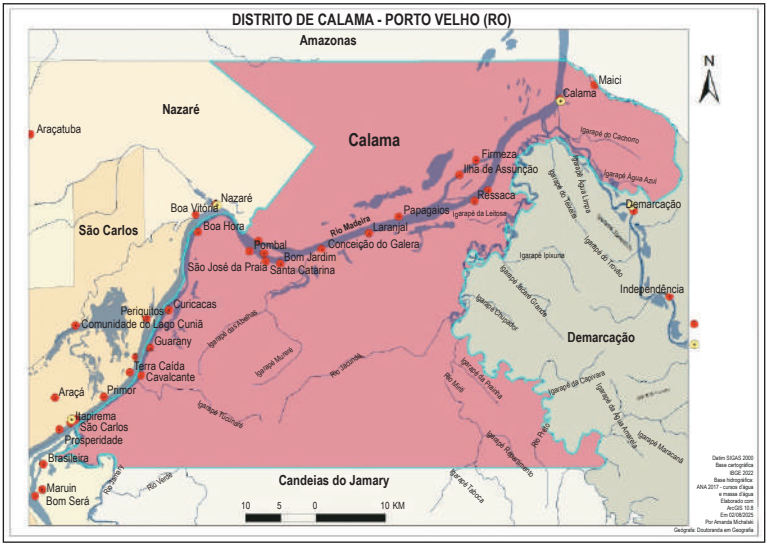


Fonte: Fotografia vetorizada de Saulo Gomes de Sousa (2023).

Por sua localização na confluência entre os rios Madeira e Ji-Paraná/Machado, assim como pela proximidade com a cidade de Humaitá, uma importante cidade do Amazonas, Calama apresenta mais estrutura urbana e comercial, polarizando a economia de muitas comunidades (Figura 16) que fazem parte do Distrito, além de possuir grande potencial para atividades ecoturísticas de base comunitária.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 16 – Mapa de localização do distrito de Calama e respectivas comunidades



Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

O ponto de chegada é pelo rio Madeira onde existem pequenos atracadouros na parte baixa e mais antiga do distrito. Para conhecer o distrito, é preciso andar um pouco atravessando pontes e escadarias.

É uma localidade bem-organizada, com terrenos de diferentes desníveis e assim as habitações são construídas também observando as questões naturais da cheia do rio. Na parte baixa podemos ver casas de madeira do tipo palafitas, típicas dos ribeirinhos, que tem assoalho mais elevado para serem tão afetadas pelas cheias dos rios.

A chegada e saída do distrito se faz por barco particular ou barcos regulares de passageiros e transporte de produtos com viagens que levam em média 12 horas de duração até Porto Velho. O artesanato local também existe tendo representação nas localidades como Terra Firme, onde são produzidas cestas de cipó, arranjos, peneiras etc.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Uma grande atração é o passeio pelos rios, para apreciação das belas matas e a observação de animais como aves, botos, macacos e peixes, além do encontro das águas entre o Rio Madeira e o Rio Machado.

No período da estiagem, formam-se praias que oferecem uma excelente oportunidade para o banho de rio. Entre os lugares recomendados para os ecoturistas temos: rio Maici, no verão, com praias acessadas por águas, que dura uns 20 minutos do Distrito de Calama, mas também acessível a pé, com uma caminhada de cerca de 10 quilômetros; e o Rio Machado, que no verão apresenta a Praia do Piuri.

Atualmente as principais atividades econômicas que promovem a ocupação da população estão relacionadas à produção de farinha, a pesca artesanal e o garimpo nas dragas pelo Rio Madeira, uma atividade que causa danos ao meio ambiente. Devido a sua localização central a várias localidades, o distrito abriga escolas, comércios, mercados, lanchonetes e pousadas, polarizando algumas atividades do baixo madeira e servido de entreposto de abastecimento.

Figura 17 – Igreja de São João Batista



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

2ª SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS

Projeto Integrador: Cartografia Cultural Afetiva – Descobrindo os Lugares do Coração
Público-alvo: Estudantes do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)
Duração estimada: 4 semanas
Eixo Temático: Identidade, Cultura Local e Pertencimento
Área(s) do Conhecimento: Geografia, História, Arte, Língua Portuguesa



Ilustração 5: Paulo Emmanuel Cunha da Silva

Justificativa

A infância é o momento em que se formam vínculos afetivos com o território e com a cultura. A criação de um mapa afetivo favorece a valorização da identidade, o reconhecimento da diversidade cultural local e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Além disso, possibilita que a criança perceba que cada espaço guarda histórias, memórias e afetos.

Objetivos

- Valorizar os espaços culturais e afetivos da comunidade.
- Desenvolver a noção de cartografia de forma lúdica.
- Estimular a oralidade e a produção de narrativas sobre o território.
- Fortalecer vínculos de pertencimento e memória local.
- Integrar diferentes linguagens (oral, visual, escrita e artística).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Metodologia e Etapas

1ª Etapa – Roda de Conversa: Meu Lugar Especial

- **Dinâmica inicial:** Perguntar: "Quais lugares da nossa comunidade fazem você se sentir feliz ou importante?"
- **Atividade prática**: Montagem de um painel de palavras e desenhos com respostas das crianças (ex.: a casa da avó, a pracinha, a árvore grande, a beira do rio).
- **Materiais**: cartolina grande, canetinhas, post-its coloridos.

2ª Etapa – Caminhando e Observando

- **Mini expedição (se possível)**: Passeio pelo entorno da escola (ou cada aluno descreve seu caminho de casa à escola).
- **Atividade**: Registrar por meio de desenhos rápidos, anotações ou fotos (pelo professor/família) os espaços mais significativos.
- **Complemento em sala**: Montar uma lista coletiva com os lugares mais citados.
- **Materiais**: pranchetas simples, folhas, lápis de cor, giz de cera.

3ª Etapa – Construção do Mapa Afetivo

Atividade central: Cada aluno cria seu mapa afetivo, representando:

- ruas, praças, árvores, igrejas, rios, casas, escolas, brincadeiras.
- símbolos e cores que expressem sentimentos (ex.: coração para "me sinto feliz aqui").

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Integração de linguagens:

- **Arte**: desenho ou pintura do mapa.
- **Português**: pequenas legendas ou frases sobre cada lugar.

Atividade coletiva: Juntar todos os mapas individuais em um grande mural-cartografia da turma.

Materiais: cartolina, papel kraft, tintas, cola, revistas para recorte, canetinhas, folhas e flores naturais, gravetos, tecidos, etc. Pode-se utilizar tinta feita de em solos.

4ª Etapa – Narrativas do Lugar

- **Atividade oral:** Cada criança apresenta um lugar do mapa e explica por que ele é importante.
- **Atividade escrita coletiva:** Produzir frases curtas como "Eu gosto de brincar no campo de futebol" ou "A árvore grande me dá sombra e frescor".
- **Produção artística extra (opcional):** Construção de uma maquete simples da comunidade com materiais recicláveis.

5ª Etapa – Produto Final e Compartilhamento

Produto:

- Exposição chamada "Os Lugares do Coração" com:
- Mapa coletivo da turma.
- Mapas individuais dos alunos.
- Frases, fotos e desenhos.

Ação comunitária: Convidar famílias para visitar a exposição.

Complemento digital (opcional): Montagem de um álbum virtual com fotos dos mapas.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Avaliação

- Participação nas rodas de conversa e expedição.
- Criatividade e esforço na construção do mapa afetivo.
- Envolvimento nas narrativas orais e escritas.
- Colaboração na montagem da exposição coletiva.

Recursos Necessários

- Materiais de arte (papel, cartolina, lápis de cor, tinta, cola, tesoura).
- Espaço para montagem do mural e exposição.
- Câmera ou celular para registros (opcional).
- Materiais recicláveis para maquete (opcional).

Resultados Esperados

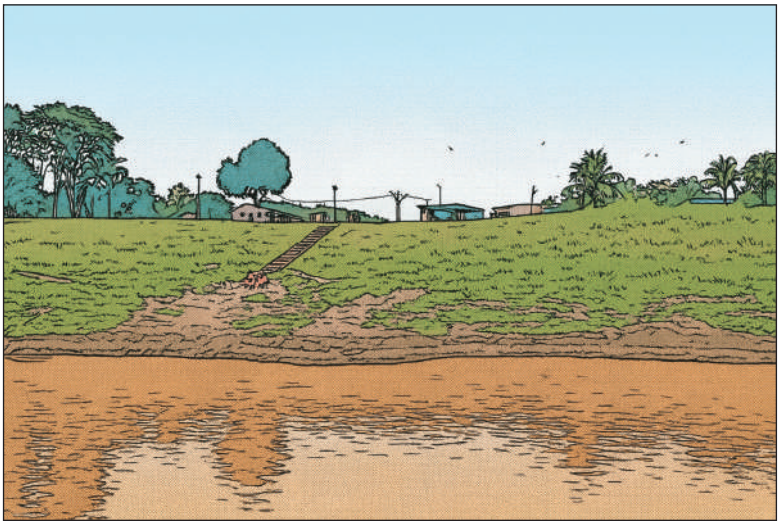
- Reconhecimento da cultura e identidade local pelas crianças.
- Fortalecimento do vínculo com a comunidade e com a escola.
- Desenvolvimento da expressão oral, escrita e artística.
- Maior valorização de memórias afetivas e culturais do território.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

CULTURA, RESISTÊNCIA E VIDA RIBEIRINHA

Figura 18 – Beira rio do Distrito de Nazaré no período da vazante do rio Madeira



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

6.
DISTRITO DE NAZARÉ:
uma referência cultural

Assim como os demais distritos, a presença indígena neste Distrito é anterior à chegada dos colonizadores europeus. Nessa localidade e em suas imediações, foram registrados grupos indígenas como os Mura, Torá, Curupi e Maní que estavam constantemente em conflito com os invasores de suas terras. A formação populacional não indígena da localidade está ligada ao segundo ciclo da borracha, especialmente durante as duas Grandes Guerras Mundiais que demandaram a produção de látex.

De acordo com Santos (2018), em 1916, um cearense rico chamado de Eduardo Costa chegou à Região do Baixo Madeira e comprou terras com o intuito de explorar e comercializar o látex da região amazônica criando um seringal. Como o seringal ficava a uns 10 km da margem do rio, ele começou a abrir um canal fluvial que ligasse o rio Madeira ao Lago do Peixe Boi, para escoar sua produção do entorno.

Esse trabalho foi árduo e levou mais de nove anos e, inicialmente, a localidade ficou conhecida como Boca do Furo. Diante das dificuldades em concluir o canal (Figura 19), chamado posteriormente de Vala, o seringalista fez uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré e, como alcançou a graça de concluir sua obra, construiu a igreja de Nossa Senhora de Nazaré que passou a denominar a comunidade. A igreja foi concluída em 1951 e, apesar das muitas alagações, continua no mesmo local e lá se realizam missas e festividades.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 19 – Furo construído no período da borracha e ao fundo a desembocadura no Rio Madeira



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Em 1956, Eduardo Costa faleceu de malária e seu primogênito, Eduardo Costa Filho, apelidado de "Seu Nanã", herdou as terras e assumiu o negócio do seringal (Santos, 2018). Quando assumiu os negócios, Sr. Nanã enfrentou problemas financeiros, pois o preço da borracha estava em queda e passou a dispensar muitos trabalhadores. Alguns moradores foram ficando, outros chegando, outras atividades foram surgindo e assim a comunidade de Nazaré foi se consolidando.

Quando os seringais perderam a importância econômica a localidade passou por mudanças, outras pessoas chegaram e se uniram aquelas poucas que lá resistiram às mudanças e assim é formada pelos remanescentes da resistência indígena, nordestinos e outros imigrantes que foram se encantando com a natureza e o povo da região, se juntaram para viver o modo de vida beradeiro, rico em identidade local.

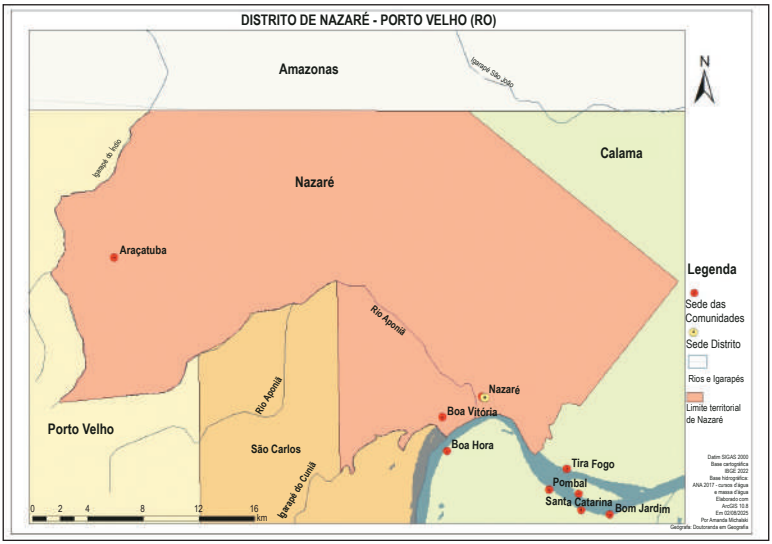
Um importante protagonista na história do Distrito de Nazaré é o sr. Manoel Maciel Nunes, que chegou em Nazaré em 1966 e foi o primeiro professor da localidade. Ele tinha um método

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

de ensino diferenciado, envolvendo artes e música. Lá formou família e criou o Grupo Cultural Minhas Raízes, que continua em atividade, realizando importantes projetos na área da cultura regional amazônica.

Com acesso exclusivamente fluvial, o Distrito de Nazaré está localizado na margem esquerda, no do rio Madeira, a 150km da capital (Figura 20).

Figura 20 – Mapa de localização do distrito de Nazaré e respectivas comunidades



Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

Sua estrutura econômica local é baseada na agricultura familiar e extrativismo, sendo o açaí, castanha, mandioca, a pesca artesanal, cupuaçu e a melancia os produtos de comercialização principais. O turismo também desponta como atividade econômica tanto no que se refere a turismo de eventos, como ecoturismo.

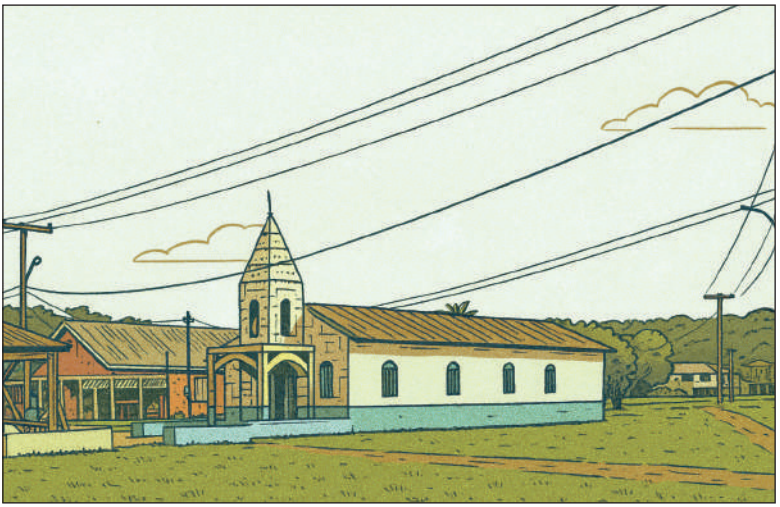
Um pouco mais afastado das margens do rio Madeira, o Rio Aponiã, que nasce na Estação Ecológica de Cuniã e segue de forma meandrante até os lagos do distrito, como o Lago do Peixe Boi, o maior e mais conhecido.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

O lago Peixe-Boi oferece oportunidade de passeios e banhos, proporcionando uma ótima experiência, com uma beleza exuberante e grande potencial turístico. As trilhas, por sua vez, são uma atração à parte que merecem ser percorridas.

Na parte cultural, Nazaré se destaca pelos seus eventos religiosos e de lazer: entre os eventos mais importantes, temos o Festival Cultural de Nazaré; a festa da melancia, e entre as festas religiosas destacam-se a festa de Nossa Senhora de Nazaré e os Festejos de São Sebastião.

Figura 21 – Igreja de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

7.
DISTRITO DE SÃO CARLOS: o mais antigo dos distritos de Porto Velho

São Carlos do Jamari é um distrito situado na margem esquerda do Rio Madeira, em frente a foz do rio Jamari e ocupava uma posição muito estratégica pois estava num dos limites entre Brasil e Bolívia.

No período colonial, para garantir a posse destas terras para o Brasil, a coroa portuguesa precisava defender a localidade criando povoações, e utilizando efetivamente o território. Para isso muitas vidas foram sacrificadas para garantir um mínimo de habitação na localidade que mudou de nome e até de localização devido às más condições de saúde da localidade. Muitas doenças atingiam os habitantes da localidade, em especial a mais comum, a malária.

A localidade apresentou várias dificuldades à fixação de população e logo a fama se espalhava, e para tentar omitir a situação a coroa sempre mudava o nome da localidade. Alguns dos nomes que o Distrito de São Carlos já recebeu foram:

1. Santo Antônio das cachoeiras;
2. Aldeia de Santo Antônio das Cachoeiras;
3. Crato (homônima ao Crato que provavelmente originou Manicoré);
4. São João do Crato;
5. Colônia Nova; e
6. O povoado passou a se chamar São Carlos do Jamari, sob nova ordenança da igreja.

As vezes só mudavam o nome, às vezes também mudavam de lugar, cada situação exigia uma estratégia. A mudança de nome ajudava a atrair pessoas, pois com as más notícias sobre as condições de vida, muitas pessoas se recusaram a enfrentá-las e ainda

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

havia a atuação dos indígenas que combatiam os invasores de seus territórios. Os novos e atuais territoriais brasileiros até o rio Beni só foram estabelecidos em 1867 com o tratado de Tratado de Ayacucho[1].

A coroa tinha muito interesse em manter povoação naquela localidade, mas era difícil e até chegou a transformar a localidade em lugar de degredo[2], mas nem os oficiais militares conseguiam que era sempre abandonada (Hugo, 1959).

O poder econômico e os grandes sacrifícios de populações indígenas e de imigrantes fizeram com que houvesse um crescimento econômico significativo com a exploração da borracha até o final da segunda guerra mundial, incluindo a instalação de um posto fiscal da borracha. Havia uns barracões de seringalistas e palhoças habitadas por famílias.

Enquanto a economia da exploração da borracha estava em alta, devido às demandas na indústria automobilística pré-guerras e durante as guerras, o dinamismo do baixo rio Madeira era grande. Desde a perda da atratividade econômica da borracha brasileira, o distrito, assim como os demais, passou a buscar alternativas econômicas, baseadas num modelo de exploração sustentável dos recursos naturais, evitando o risco de esgotamento.

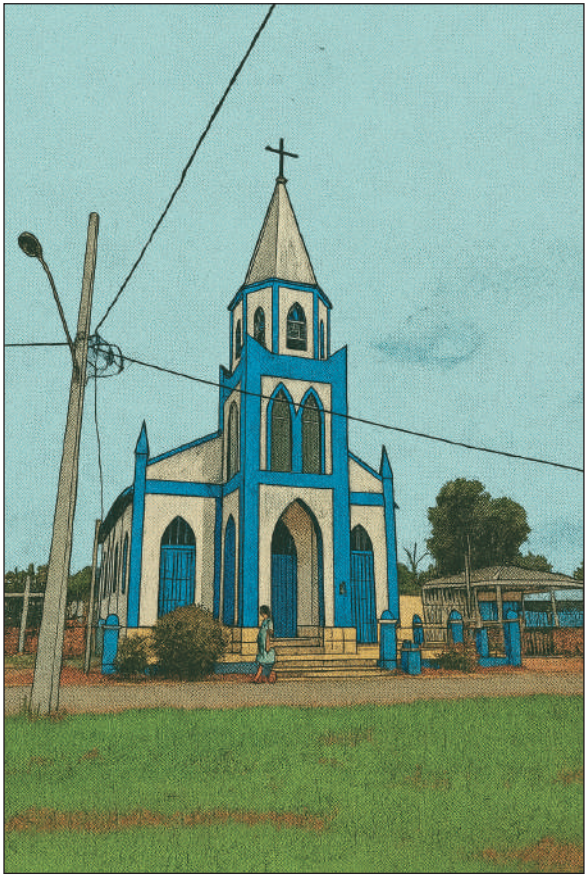
Em 1937, o Pe Ângelo Cerri projetou a construção de uma igreja em São Carlos. O local da igreja foi doado por um seringalista, um Senhor Guimarães, e os materiais doados pela comunidade e outros seringalistas (Hugo, 1959).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

1 Tratado de amizade, limites, navegação, comércio e extradição Tratado da Amizade entre Brasil e Bolívia. O mapa pode ser acessado em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/1850_Mitchell_Map_of_Peru_and_Bolivia_-_Geographicus_-_PeruBolivia-mitchell-1850.jpg.

2 O termo remete à prática histórica de enviar pessoas para longe de sua terra natal, seja para colônias ou fortalezas, como forma de punição por crimes ou motivos políticos. Criticar e se opor as normas dos reis levava ao degredo.

Figura 22 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Fotografia vetorizada de Josélia Fontenele Batista (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

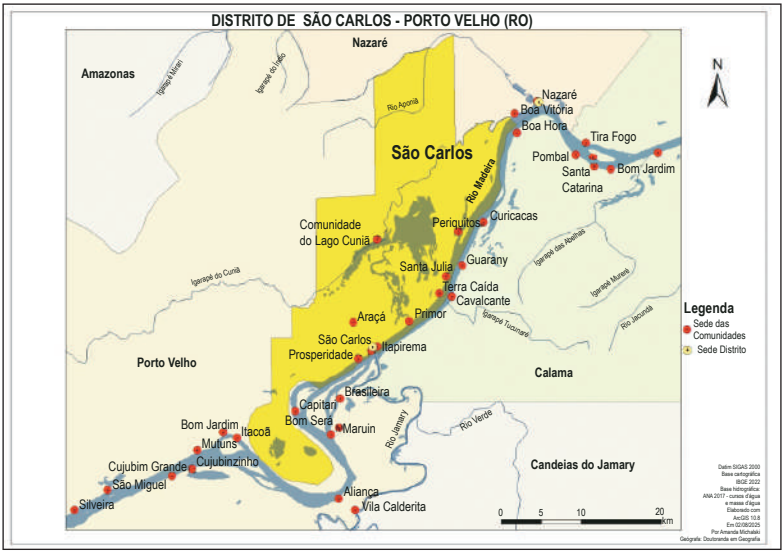
O distrito de São Carlos do Jamari foi criado pela Resolução nº 122, de 21 de novembro de 1985, com base na Lei Complementar nº 39, de 10 de dezembro de 1980. Posteriormente, em 1999, por meio da Lei Municipal Nº 1.378 passando a ser designado apenas Distrito de São Carlos.

O distrito de São Carlos é o mais antigo do Baixo Madeira Rondoniense, trazendo uma rica história que precisa ser evidenciada: a história de resistência das populações tradicionais da Amazônia que hoje contribuem para a conservação dos recursos

naturais e que está presente na área urbana e rural do distrito. Na área rural destacam-se os extrativistas que moram próximos ao lago Cuniã.

O acesso ao Distrito é feito pelo Rio Madeira com cerca de 100 quilômetros de distância de Porto Velho (Figura 23). Uma parte do percurso pode ser realizado por via terrestre, pela Estrada da Penal (RO-05) até a "Boca" do Jamari, onde as águas escuras do Jamari se encontram com as águas Claras do rio Madeira.

Figura 23 – Mapa de localização do distrito de São Carlos e respectivas comunidades



Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

A travessia do rio Madeira para chegar ao distrito é um atrativo a parte. Vários barcos ficam atracados na foz do Jamari, onde também há um restaurante popular e locais para estacionamento de carros e lanchas de pescadores amadores e esportivos. Mas com os fenômenos de cheias do rio Madeira algumas atividades podem ficar comprometidas.

A principal área urbana, Vila do Distrito de São Carlos, fica na margem esquerda do Rio Madeira, mas o distrito também

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

possui algumas comunidades ao longo do Rio. Apresenta boa estrutura com arruamentos, algumas até asfaltadas, lojas, duas escolas (uma se ensino fundamental e outra de ensino médio), pousadas, área de lazer e esporte, restaurantes e bares.

A Vila do distrito fica a menos de 2 km de distância dos limites da Reserva Extrativista Lago do Cuniã (RESEX – Cuniã), onde há uma estrada recentemente construída para fazer o transporte de alunos à escola da vila.

Entre as festividades, a maior é o festejo de Nossa Senhora Aparecida, que tem uma duração de cerca de 9 dias. Durante esse período, há momentos de celebrações espirituais e momentos de socialização com festas, bingos, leilões e torneios esportivos.

As famílias da área rural do Distrito têm suas atividades econômicas ligadas a pesca artesanal, a agricultura familiar, com cultivo de hortaliças, produção de frutas, como a melancia e banana, produção mandioca e farinha, além do extrativismo de castanha, açaí e óleos.

A exploração da carne do Jacaré e Pirarucu também são permitidos mediante o manejo, o que ocorre desde 2011 por meio da COOPCUNIÃ – Cooperativa de Pescadores, Aquicultores, Agricultores e Extrativistas da RESEX Cuniã.

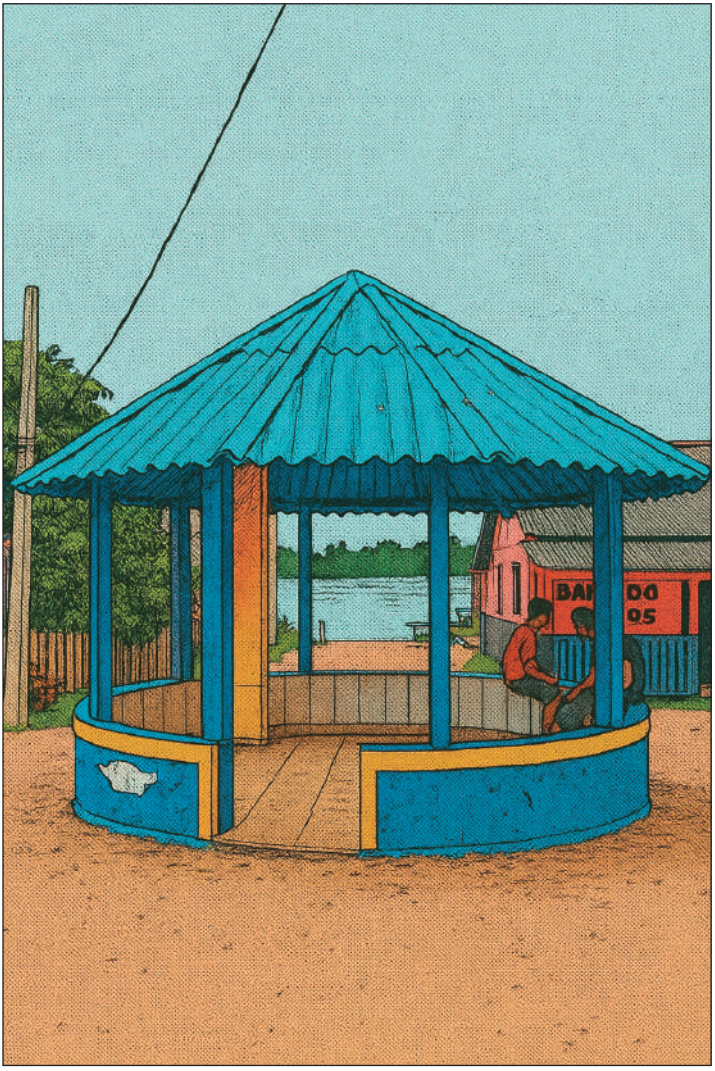
Existe parte da população que não está ligada ao extrativismo; população urbana que busca renda em atividades comerciais, prestação de serviços, serviço público, entre outros. É preciso um olhar diferenciado à população, uma vez que a produção agrícola convencional não pode ser praticada no Distrito já que sua maior parte é uma unidade de conservação.

A Reserva Extrativista Lago do Cuniã (RESEX Lago do Cuniã) é uma unidade de conservação federal de uso sustentável, criada pelo Decreto Federal 3.238, de 10 de novembro de 1999.

A região é rica em biodiversidade e possui uma beleza única, com fauna e flora exuberantes. Os atrativos naturais, como o próprio rio Madeira, a pesca local e a observação da fauna e flora, já são um espetáculo à parte. A gastronomia local é representada pelos peixes, que são servidos nos bares e restaurantes da região além da presença de um povo acolhedor com rica cultura amazônida.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 24 – Coreto na chegada do Distrito de São Carlos, ao fundo o Rio Madeira



Fonte: Fotografia vetorizada de Saulo Gomes de Sousa (2023).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

PALAVRAS FINAIS

O modo de vida beradeiro do baixo Madeira que busca viver em harmonia com a natureza é um modelo de resistência ao capitalismo que impõe que as pessoas vivam e produzam além do necessário, para acumular bens e riquezas. A cultura da produção de excedentes e de acumulação conflitam com o viver beradeiro que valoriza a experiência local, familiar, religiosa, a produção obedecendo os ritmos da natureza e a construção de vínculo de identidade com a natureza (Resende, 2013).

Essas populações merecem políticas públicas voltadas para a saúde, educação e trabalho, que valorizem a cultura local, seus saberes e sua identidade, proporcionando o "Bem-Viver", um modo de vida que não se enquadra no modelo de esgotamento dos recursos da natureza e dos seres humanos.

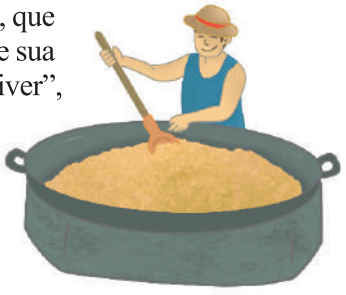


Ilustração 6: Ranaís Miron Costa

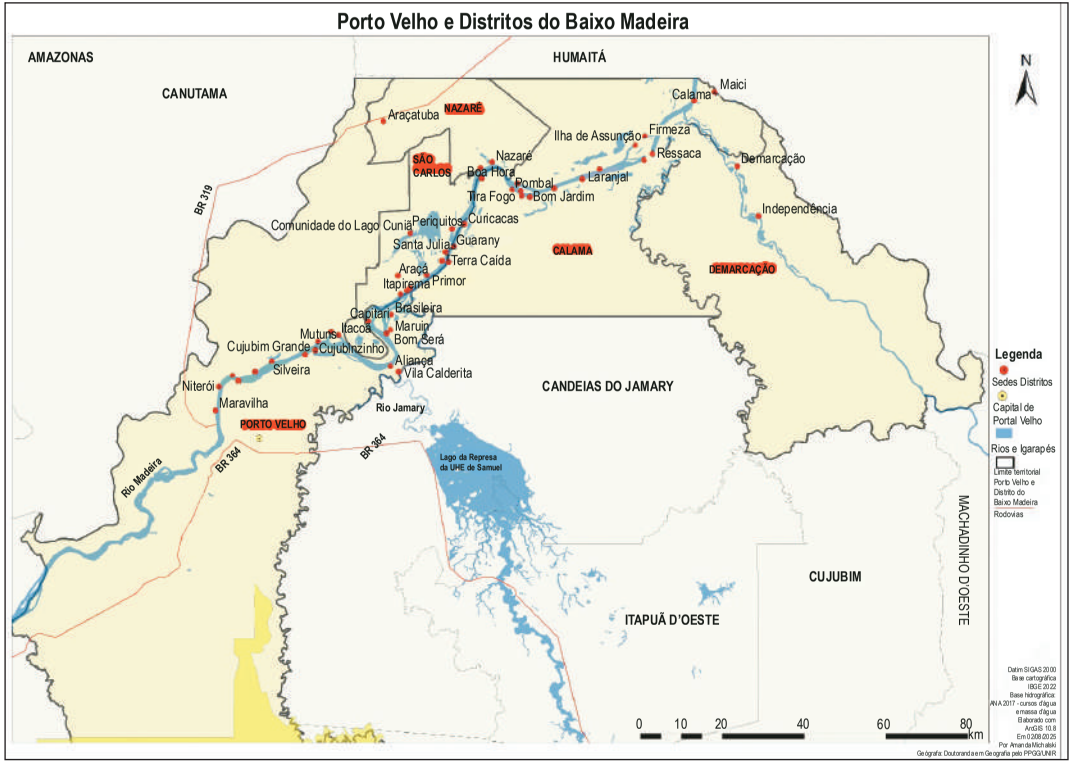
O povo ribeirinho tem seu modo de vida particular, um modelo de resistência ao capitalismo com grandes contribuições ao desenvolvimento da humanidade: um modelo não predatório de viver na natureza com respeito à sua comunidade.

Existem muitos problemas enfrentados pelos ribeirinhos rondonienses ao longo do rio Madeira com destaque para a construção das hidrelétricas do alto Madeira que afetaram diretamente o direito de pesca e vida de muitos ribeirinhos e ainda afetam indiretamente os ciclos biológicos do ecossistema aquático.

As secas, a contaminação dos rios, a pesca predatória, o desmatamento, a atração dos jovens às atividades insalubres como o garimpo e principalmente, a falta de demarcação de territórios necessários à manutenção do seu modo de vida, e a possibilidade de privatização do rio Madeira, são grandes ameaças que devem ser combatidas pela iniciativa das localidades e com apoio de políticas públicas que devem gerar qualidade de vida, acesso aos serviços de saúde e educação diferenciada, além de geração de emprego e renda de modo sustentável.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Figura 25 – Mapa dos distritos e comunidades do baixo madeira e respectivas comunidades



Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

Use seu celular ou computador para navegar pelos distritos e comunidades por meio do link:

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

3º SUGESTÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS IMERSIVAS

Projeto Integrador: Feira Cultural Beradeira – Descobrindo Nossas Raízes
Público-alvo: Estudantes do Ensino Fundamental e Médio
Duração estimada: 4 semanas
Eixo Temático: Cultura Local, Identidade e Cidadania
Áreas do Conhecimento: História, Geografia, Arte, Língua Portuguesa, Matemática (contagem e organização)



Ilustração 7: Ranaís Miron Costa

Justificativa

A região ribeirinha é rica em tradições, histórias e saberes que formam a identidade dos estudantes e de suas famílias. Promover uma feira cultural sobre os distritos ribeirinhos é uma forma de integrar escola, comunidade e cultura, fortalecendo o pertencimento e incentivando a valorização dos saberes locais.

Objetivos

- Valorizar as tradições e manifestações culturais dos distritos ribeirinhos.
- Estimular a pesquisa e a curiosidade sobre a cultura local.
- Promover a integração entre alunos, professores, famílias e comunidade.
- Desenvolver habilidades de organização, cooperação e trabalho em grupo.
- Incentivar a expressão oral, artística e corporal das crianças.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Etapas e Atividades

1ª Etapa – Introdução: Conhecendo a Cultura Beradeira

- **Atividade inicial:** Roda de conversa: "O que sabemos sobre Nazaré, Calama, Demarcação e São Carlos?"
- **Recurso visual:** Mapa simples com localização dos distritos.
- **Produção**: Painel coletivo com imagens e palavras relacionadas a cada distrito (comida, música, festa, danças, paisagens).

2ª Etapa – Pesquisa e Descoberta

Organização em grupos: Cada grupo ficará responsável por um distrito.

Tarefa: Pesquisar (com ajuda de professores e famílias):

- comidas típicas;
- artesanato ou objetos característicos;
- músicas e danças;
- curiosidades (festas, histórias, modos de viver).

Recursos: entrevistas simples com familiares, desenhos, fotos ou pesquisas em materiais locais.

3ª Etapa – Preparação das Barracas Temáticas

Atividade prática: Montagem de barracas (ou mesas) temáticas, decoradas com desenhos, artesanato, tecidos e símbolos do distrito representado.

Produções simples:

- Cartazes ilustrados com desenhos das crianças.
- Objetos trazidos de casa ou confeccionados com material reciclável.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

- Ensaios de uma música ou dança típica de cada distrito.

Matemática: contagem de materiais, organização das barracas e divisão de tarefas.

4ª Etapa – Convite e Divulgação

- **Atividade de Língua Portuguesa:** Produzir coletivamente um convite ilustrado para as famílias e comunidade.
- **Prática oral:** Ensaiar como cada grupo apresentará sua barraca e os elementos culturais.

5ª Etapa – Feira Cultural Beradeira

Atividade final: Realização da feira na escola, com a participação das famílias.

Momentos previstos:
- Visitação às barracas temáticas.
- Apresentação de músicas e danças pelos alunos.
- Degustação de comidas típicas (trazidas pelas famílias em pequenas porções).

Produto final: Um livro coletivo ilustrado chamado "Descobrindo Nossas Raízes", reunindo fotos, desenhos e frases curtas das crianças sobre a feira.

Avaliação

- Participação nas pesquisas e atividades coletivas.
- Criatividade na montagem das barracas.
- Expressão oral e envolvimento nas apresentações.
- Cooperação entre colegas e respeito às tradições locais.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Recursos Necessários

- Materiais de arte (cartolina, lápis de cor, cola, tesoura, tecidos e materiais naturais do entorno como folhas flores, plantas, solos, entre outros).
- Mesas ou barracas simples para exposição.
- Aparelho de som para músicas locais.
- Colaboração das famílias (comidas e objetos).

Resultados Esperados

- Reconhecimento e valorização das tradições ribeirinhas.
- Fortalecimento do sentimento de pertencimento cultural.
- Desenvolvimento da oralidade, criatividade e cooperação.
- Aproximação entre escola e comunidade.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

PROPOSTA DIDÁTICA – MEMÓRIAS BERADEIRAS: um projeto de educação territorial e identitária no Baixo Madeira

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Objetivo geral

Proporcionar aos alunos o reconhecimento e a valorização do Baixo Madeira como espaço vivido, histórico e cultural, promovendo o protagonismo estudantil por meio da pesquisa, produção de narrativas e representação das memórias e paisagens ribeirinhas.

TEMA GERADOR: "Ser beradeiro é resistir: território, natureza e Identidade no Baixo Madeira"



Ilustração 7: Ranaís Miron Costa

Etapas do projeto

1. Lançamento do projeto

Atividade: Leitura coletiva do prefácio e do primeiro capítulo do livro ("A Amazônia").

Dinâmica: Roda de conversa com perguntas como: "O que é ser ribeirinho?", "Quais histórias do Baixo Madeira você conhece?", "Sua família tem memórias na beira do rio?"

2. Exploração dos eixos do livro

Organizar os capítulos em três eixos temáticos trabalhados de forma integrada:

EIXO TEMÁTICO	CAPÍTULOS-BASE	OBJETIVO
Território e Natureza	A Amazônia / A natureza e os povos do Baixo Madeira	Reconhecer os elementos naturais e seus impactos no modo de vida ribeirinho
História e Ocupação	O Município de Porto Velho / O Baixo Madeira e seus Distritos	Compreender os ciclos históricos de ocupação e conflitos por terra e recursos
Cultura e Resistência	Distritos (Demarcação, Calama, Nazaré, São Carlos)	Investigar os modos de vida, festas, memórias e narrativas locais

3. Produção investigativa/imersiva local

Produto: "Minha Comunidade Conta" – Produção de minidossiês temáticos sobre os distritos

Cada turma ou grupo foca em um distrito. As atividades incluem:

1. **Entrevista com moradores** (memória local, festas, antigos modos de vida, atividades econômicas, atuação feminina, presença indígena, descendentes africanos, imigrantes diversos.)
2. **Desenho de mapa afetivo** (rios, casas, lugar de brincar, de encontros familiares, espaços de referência)
3. **Fotografia ou ilustração da paisagem** (casa, árvore, igarapé)
4. **Registro de fala popular ou expressão típica**
5. **Pesquisas orientadas com base no livro**
6. **Danças, músicas e outras manifestações artítico-culturais**

4. Produções finais

- Cada grupo/turma deve produzir uma ou mais dessas formas de síntese:
- **Exposição**: com cartazes, mapas afetivos, vídeos, áudios e objetos coletados
- **Linha do Tempo coletiva da história do Baixo Madeira**
- **Festival Beradeiro na escola**: apresentação dos resultados à comunidade escolar •recomendamos a leitura

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

do livro de literatura infanto-juvenil O MISTÉRIO DA SECA DO RIO MADEIRA que poderá ser transformado em encenações ou uma tarde de reflexões sobre os significados do texto e das imagens.

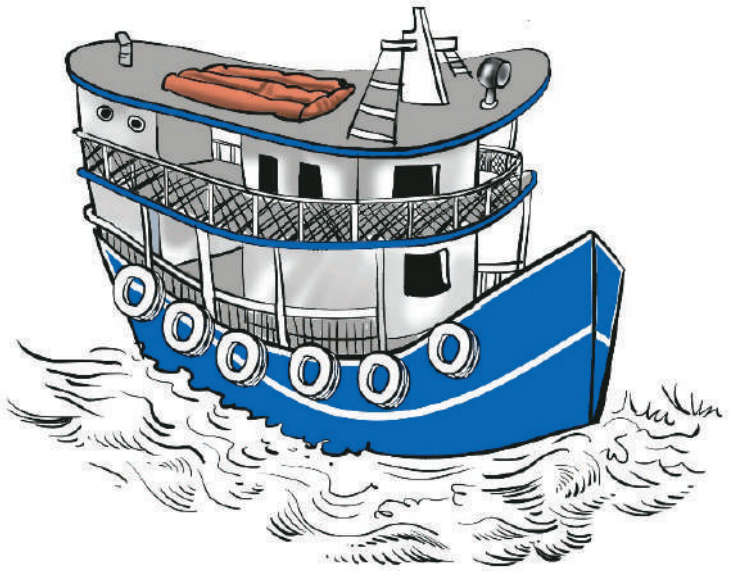


Ilustração 8: Paulo Emmanuel Cunha da Silva

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

REFERÊNCIAS

ADAMY, Amilcar. Dinâmica fluvial do Rio Madeira. *In*: SILVA, Ricardo Gilson da Costa (org.). **Porto Velho**: cultura, natureza e território. Porto Velho: Temática; Edufro, 2016. p. 120-147.

ALIANÇA Águas Amazônicas. **Principais afluentes do Amazonas e sua contribuição à vazão total do rio**. Disponível em: https://pt.aguasamazonicas.org/aguas-2/fluxos-e-inundacoes. Acesso em: 16 jul. 2025.

ALTO MADEIRA. **Jornal Alto Madeira (1917 a 1989)**. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br. Acesso em: 11 ago. 2025.

BATISTA. Josélia Fontenele. **Hidrovia do Madeira**: uma análise introdutória do impacto socioambiental a partir das ações do poder público (Análise do Meio físico). 1999. (Relatório Final PIBIC/CNPq/UNIR).

BENATTI, José Heder. **Várzea e as populações tradicionais**: a tentativa de implementar políticas públicas em uma região ecologicamente instável. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160623_livro_funcao_socioambiental_cap01.pdf. Acesso em: 11 ago. 2025.

BESPALEZ, E.; ZUSE, S.; PESSOA, C.; VENERE, P. P.; SANTI, J. R. Arqueologia no sítio Santa Paula, alto Madeira, Porto Velho, Rondônia, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0076 Acessado em: 23 maio 2025.

BEZERRA, Nelissa Peralta. Ecoturismo de Base Comunitária na Amazônia: Uma Análise Comparativa. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, maio 2012. ISSN 1980-6965. Disponível em: http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/3484. Acesso em: 22 out. 2023.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

BOMFIM, Marcela; CULTURA RIBEIRINHA: **Festa da Melancia acontece no distrito de Nazaré em Porto Velho**. Rondoniaovivo, Porto Velho, 2023.

BOMFIM, M. Cultura ribeirinha: festa da melancia acontece no distrito de Nazaré em Porto Velho. **Rondoniaovivo**, 2023. Disponível em: https://www.rondoniaovivo.com/noticia/geral/2023/08/14/cultura-ribeirinha-festa-da-melancia-acontece-no-distrito-de-nazare-em-porto-velho.html. Acesso em: 22 out. 2023.

BOTELHO, José Maria Leite. **Calama:** a história, a geografia e os etc – 2013. Disponível em https://calamahistriageografiaeosetc.blogspot.com/.

BOTELHO José Maria Leite. Aspectos históricos, geográficos e políticos de Calama. *In*: COSTA SILVA, Ricardo Gilson da (org.). **Porto Velho, urbanização e desafios para uma cidade centenária**. Porto Velho: Temática Editora; Edufro, 2016. Disponível em: https://gtga.unir.br/uploads/81837305/arquivos/ebook_porto_velho__urbanizacao_e_desafios_para_uma_cidade_centenaria_17_1526484955.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.550, de 31 de maio de 1944**. Retifica os limites e a divisão administrativa dos Territórios do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6550-31-maio-1944-451989-publicacaooriginal-1-pe.html.

CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFf, Miriam. **Atlas**: História do Brasil. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos. **Ensino Fundamental II**. *Geografia* / Moisés Bahia. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2019. Fasc. 4 – unid. 7-8. Disponível em: https://cejarj.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

cecierj.edu.br/ava_arquivos/material_impresso/fundamental/geografia/ceja_fundamental_geografia_fasciculo_4.pdf.

CIMI-RO – Conselho Indigenista Missionário – Regional Rondônia. **Panewa**. CIMI-RO, 2002.

COSTA, J. S. L. P. Notas de pesquisa sobre escravidão nos rios Madeira e Purus (1850-1889). **Canoa do Tempo**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 25-43, 2019. DOI: 10.38047/rct.v11i01.5734. Disponível em: www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Canoa_do_Tempo/article/view/5734. Acesso em: 21 jul. 2025.

CPRM. **Cheia do rio Negro supera cota de emergência**. Disponível em: https://cprmblog.blogspot.com/2014/05/cheia-do-rio-negro-supera-cota-de.html Acesso em: 12 ago. 2025.

CUMMING, R. **Calamus radicalis**. Disponível em: https://www.biodiversity4all.org/taxa/82472-Calameae/browse_photos. Acesso em: 11 ago. 2025.

DEMARCAÇÃO. **Geoportal PMPV**. Disponível em: https://geoportal.portovelho.ro.gov.br/distritos/demarcacao.html. Acesso em: 23 nov. 2023.

FERNANDES, A.; YAMAMOTO, J.; JUNIOR, B. Aspectos da folheteria turística do município de Porto Velho: uma análise de conteúdo. **Saber Científico**, Porto Velho, v. 3, n. 1, p. 12-52, jul./dez. 2011.

FIGUEIREDO, N. 12ª edição da Festa da Melancia movimenta comunidade de Nazaré, em Porto Velho. **Diário da Amazônia**, Porto Velho, 2023.

GOMES, C. V. A. Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

129-146, jan./abr. 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222018000100007.

GUZMAN, T. **Turismo – Nazaré, distrito de Porto Velho, completa 50 anos com festejo tradicional**. Governo do Estado de Rondônia; SETUR, 2016.

HUGO, V. **Desbravadores**. 2. ed. Amazonas: Edição da Missão de Humaitá, 1991. v. 1.

HUGO, V. **Desbravadores**. Amazonas: Edição da Missão de Humaitá, 1959. v. 2.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de manejo da Reserva Extrativista Lago do Cuniã**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/amazonia/lista-de-ucs/resex-lago-%20do-cunia/arquivos/plano_de_manejo_da_resex_lago_do_cunia_2018.pdf. Acesso em: 11 maio 2024.

JOBIM, A. **O Amazonas**: sua história (ensaio antropogeográfico e político). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/64. Acesso em: 29 nov. 2023.

LOPES, I. de M. O.; MAGALHÃES, M. T. Q. Hidrovia do Rio Madeira como indutor de desenvolvimento microrregional das comunidades tradicionais do Baixo Madeira em Porto Velho. **Paranoá**, *[S. l.]*, n. 22, p. 143-158, 2018. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n22.2018.10. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/25676. Acesso em: 19 set. 2023.

LOPES, Luciane Gomes. **Vivência Espacial das Mulheres Ribeirinhas**: os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Dissertação (Mestrado) – PPGG em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

MACHADO, Abnael. **História e Limites do Distrito de Calama**. Disponível em: https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/abnael-machado/historia-e-limites-do-distrito-de-calama. Acesso em: 15 nov. 2013.

MACIEL, B. E. S. P. **Histórias intercruzadas**: projetos, ações e práticas indígenas e indigenistas na Província do Amazonas (1850-1889). 2015. 316 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

MATARASI, A. **Histórias que o rio traz**: reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MCGRATH, D. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, dez. 1999. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109.

MENEZES, E. F. **A representação do lugar**: um estudo sobre juventude ribeirinha da comunidade de Nazaré-RO. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

MORAIS, A. *et al*. A medicina tradicional e a medicina moderna: encontros e desencontros de saberes em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. **Imaginarios de la Salud e Interculturalidad**, 2023. ISBN 978-65-5364-213-3.

MURA, A.; MURA, M. **Vivência sagrada**: despertando a ancestralidade Mura. Porto Velho: Educar, 2022. 32 p.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

NAPRA – Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia. **Nazaré**. 2022. Disponível em: https://napra.org.br/territorios-de-atuacao/rondonia/nazare/#:~:text=A%20comunidade%20iniciou%2Dse%20com,130%20fam%C3%ADlias%2C%20totalizando%20550%20habitantes. Acesso em: 21 fev. 2023.

NAPRA – Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia. **São Carlos do Jamari**. S.d. Disponível em: https://napra.org.br/territorios-de-atuacao/rondonia/sao-carlos-do-jamari/.

NASCIMENTO, L. B. do. **Mato Grosso e Amazonas na disputa pela extração da borracha no vale do rio Madeira (1870-1920)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Geografia, História e Documentação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

NAZARÉ, distrito de Porto Velho, completa 50 anos com festejo tradicional. **SETUR-RO**, 26 jul. 2016. Disponível em: https://rondonia.ro.gov.br/nazare-distrito-de-porto-velho-completa-50-anos/. Acesso em: 22 fev. 2025.

NETO, D. V.; FIAMENGUE, E. C.; WHITAKER, D. C. A.; VASCONCELOS, V. O. de. **Seriação escolar e afeto ambiental**: representações de crianças da floresta. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2018/10/6_Diogenes_Neto.pdf. Acesso em: 11 maio 2024.

OLIVAR, J. Turismo: Nazaré é um paraíso ecológico em Rondônia. **Portal Amazônia**, 2021. Disponível em: https://portalamazonia.com/jotao-escreve/turismo-nazare-e-um-paraiso-ecologico-em-rondonia. Acesso em: 16 fev. 2023.

PARÓQUIA Nossa Senhora Aparecida Distrito de São Carlos do Jamari – Rondônia. **Gente de opinião**, 2023. Disponível em: https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/historia-de-gente-de-opiniao/paroquia-nossa-senhora-aparecida-distrito-de-sao-carlos-do-jamari-rondonia. Acesso em: 11 maio 2024.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

PEREIRA, M. Conheça o Festival Cultural de Nazaré: celebração tradicional do Baixo Madeira. **G1 – Rondônia**, Porto Velho, 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2023/04/17/conheca-o-festival-cultural-de-nazare-celebracao-tradicional-do-baixo-madeira-em-porto-velho.ghtml.

PIEDADE, M. T. F. *et al.* **Guia de campo de herbáceas aquáticas**: várzea Amazônica. Manaus: Editora INPA, 2018.

PINTO, W. H. A. **Uso das imagens SAR R99B para o mapeamento geomorfológico do furo do Ariaú do município de Iranduba – AM**. 2013. 131 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PORRO, A. Uma crônica ignorada: Anselm Eckart e a Amazônia setecentista. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 3, p. 575-592, set./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/NyqRyWpfr4tCB7KvMbwjmZx/?format=pdf&lang=p. Acesso em: 25 nov. 2023.

PORTO VELHO. Lago Cuniã e Nazaré são contemplados com duas escolinhas. **Talentos Futuros**, Prefeitura de Porto Velho, 2018. Disponível em: https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/21000/talentos-do-futuro-lago-do-cunia-e-nazare-sao-contemplados-com-duas-escolinhas. Acesso em: 20 nov. 2023.

REZENDE, J. O. **O viver dos beradeiros do Madeira**: aspectos da identidade cabocla ribeirinha em Porto Velho. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura) – CELACC/ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ROCHA, A. V. **Estudo nutricional relativo ao selênio de crianças residentes em duas localidades de Rondônia, Amazônia Ocidental**. Dissertação (Mestrado em Ciência dos Alimentos) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 115 f. Disponível

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

em: https://pdfs.semanticscholar.org/d614/e4962856db6e-19523c1ba413881da70210fc.pdf.

RONDONIAOVIVO. **Festival de Nazaré**: passeio turístico será oferecido pelo Lago do Peixe-boi durante evento. Disponível em: https://rondoniaovivo.com/noticia/viagenseturismo/2023/07/27/festival-de-nazare-sera-oferecido-passeio-turistico-pelo-lago-do-peixe-boi-durante-o-evento.html. Acesso em: 10 maio 2023.

SANTOS, Sílvio. História e origem de Nazaré do Rio Madeira. **Diário da Amazonia**, 2018, Disponível em: https://www.diariodaamazonia.com.br/a-historia-e-origem-de-nazare-do-rio-madeira/.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e religiosidade popular**: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PGDRA/UNIR, 2007. 132 p.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. A (re)organização do espaço na Vila de Nazaré: a criação do bairro de São Sebastião. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente,** v. IV, n. 22, maio 2001.

SEMPOG – PORTO VELHO. **Distrito de Calama.** Disponível em: https://sempog.portovelho.ro.gov.br/artigo/29635/distrito-de-calama. Acesso em: 16 nov. 2023.

SILVA, Cliverson Gilvan Pessoa da; COSTA, Angislaine Freitas. Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante o século XVIII. **Amazônica – Revista de Antropologia**, jun. 2014. DOI: 10.18542/amazonica.v6i1.1751.

SOARES, Felipe Miranda. **Ensino Médio mediado por tecnologias em escolas de comunidades ribeirinhas do município**

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

de Porto Velho-RO. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia-UNIR, 2021.

SOUZA, Jozé Maria de. **Diário das três partidas de demarcação da América em virtude do tratado de limites ajustado entre as duas coroas de Espanha e Portugal**, 1759. Disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/268677. Acesso em: 29 nov. 2023.

UCB – UNIDADES DE CONVERSAÇÃO DO BRASIL. **Reserva Extrativista do Lago do Cuniã**. Disponível em: https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/1368. Acesso em: 22 fev. 2025.

WIKIPÉDIA. **Tratado de Ayacucho.** Mapa de 1850 que apresenta a região de Chiquitos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Ayacucho#/media/Ficheiro:1850_Mitchell_Map_of_Peru_and_Bolivia_-_Geographicus_-_PeruBolivia-mitchell-1850.jpg. Acesso em: 11 ago. 2025.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia 4, 19, 20, 27, 29, 34, 45, 67, 77, 78, 81, 83, 85, 86, 87, 94

B

Borracha 25, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 43, 44, 45, 49, 50, 61, 62, 66, 86

C

Comunidade 15, 16, 24, 35, 40, 47, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 66, 71, 73, 75, 76, 78, 83, 85, 93

Cultura 15, 21, 24, 32, 35, 55, 58, 59, 63, 69, 71, 73, 74, 78, 81, 82, 85, 87, 88, 94, 95

D

Distrito de Calama 17, 34, 49, 51, 52, 53, 85, 88

Distrito de Demarcação 34, 41, 43, 44, 46, 47

Distrito de Nazaré 34, 59, 61, 62, 63, 82, 84

Distrito de São Carlos 34, 35, 65, 67, 68, 70, 86

E

Educação 3, 4, 15, 16, 37, 71, 77, 82, 88, 89, 93, 94

F

Floresta 15, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 30, 34, 86

I

Identidade 17, 20, 21, 35, 44, 55, 58, 62, 71, 73, 77, 87, 94

Indígenas 23, 25, 26, 27, 28, 32, 46, 49, 61, 66, 85, 88, 95

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

M

Madeira 3, 4, 9, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 43, 44, 45, 47, 49, 51, 52, 53, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 93

N

Natureza 15, 21, 23, 33, 35, 37, 38, 39, 62, 71, 77, 78, 81

P

Porto Velho 23, 31, 32, 33, 34, 44, 47, 49, 52, 65, 68, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 94

Povos 9, 15, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 34, 78

R

Rio Madeira 20, 23, 24, 27, 28, 35, 43, 44, 49, 52, 53, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 81, 84, 86, 88

Rondônia 15, 19, 20, 24, 31, 45, 49, 50, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

SOBRE OS AUTORES

Amanda Michalski da Silva
Geógrafa; membro da CPT-RO; pesquisadora vinculada aos Grupos de Pesquisa GTGA e GEP-Front; Ouvidora-Geral Externa da DPE/RO (gestão 2023-2025); Mestrado em Geografia pela UNIR e Doutoranda em Geografia pelo PPGG/UNIR. E-mail para contato: michalski03geo@gmail.com

Ânderson Carvalho Nascimento
Nasceu em Porto Velho, Rondônia, porém criado até os 13 anos na Comunidade de Guarany, região de São Carlos – Baixo Madeira. Acadêmico do curso de Letras Libras (DLIBRAS – NCH) UNIR 2023.2 – Campus Porto Velho/RO; Acadêmico do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Gestão Ambiental (IFRO/Calama 2024.2); Graduado em Gestão Ambiental pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON (2010); Reside em Porto Velho – RO. E-mail para contato: carvalhoberadeiro@gmail.com

Camille da Silva Façanha
Nascida em Porto Velho – RO, cursando Técnico em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – Campus Porto Velho Calama. Reside em Porto Velho – RO. E-mail para contato: camillefacanha2@gmail.com

Débora Ripardo Gomes
Nascida em Porto Velho – RO, cursando Técnico em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – Campus Porto Velho Calama. Reside em Porto Velho – RO. E-mail para contato: deboraripardo7@gmail.com

Evelyn Félix Ortiz
Licenciada em Fisica pelo Instituto Federal de Rondônia. Porto Velho-RO (IFRO) – Campus Porto Velho Calama. Reside em

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Porto Velho – RO. E-mail para contato: Evelyn.f@estudante.ifro.edu.br

Gabriele dos Santos Alves
Concluiu o ensino médio na Escola Carmela Dutra e é técnica em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Zona Norte. Atualmente, cursa Educação Física no Campus Educacional São Lucas. Reside em Porto Velho – RO. E-mail para contato: alves.g. 0 70806@gmail.com

Iza Reis Gomes
Pós-doutorado em Letras: linguagem e identidade pela UFAC. Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. Docente do Instituto Federal de Rondônia. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica PROFEPT. Líder do Grupo de Pesquisa Criamazônia – Processos de Criação na/da Amazônia IFRO/CNPq. E-mail para contato: iza.reis@ifro.edu.br

Josélia Fontenele Batista
Bacharel e licenciada em Geografia pela UNIR-RO, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade UNIR-RO e doutorado em Geografia pela UFPR. Professora do IFRO atuando em cursos técnicos integrados ao nível médio e docente dos mestrados PROFEPT e PROFGEO. E-mail de contato: joselia.fontenele@ifro.edu.br

Lucélia Rodrigues Silva
Tecnóloga em Logística pela UNIGRANRIO; e cursando Licenciatura em Física, IFRO. (IFRO) – Campus Porto Velho Calama. Reside em Porto Velho – RO. E-mail para contato: lucelia.pvh@hotmail.com

Maranei Rohers Penha
Doutorado em Educação, Ciências e Matemática pela UFMT. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO. Docente do Programa de Pós-graduação

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Mestrado Profissional em Ensino de Geografia – PROFGEO. E-mail de contato: maranei.rohers@ifro.edu.br

Saulo de Sousa
Mestrado em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia. Docente do Instituto Federal de Rondônia. E-mail de contato: saulo.gomes@ifro.edu.br

Uilian Nogueira Lima
Doutorando em História Social pela Ffp-Uerj.Mestre em Historia e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia. Licenciado em História (2006) pela Universidade de Rondônia. Professor do IFRO e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), e secretário do conselho estadual da igualdade racial(2019-2021).Tem experiência em História, com ênfase em História Afro Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Historia africana, etnicidade, comunidades quilombolas e cultura popular.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

SOBRE O LIVRO
Tiragem: não comercializada
Formato: 14 x 21 cm
Mancha: 10,3 x 17,3 cm
Tipologia: Times New Roman 10,5 | 11,5 | 13 | 16 | 18
Arial 8 | 8,5
Papel: Offset 90 g (miolo)
Royal | Supremo 250 g (capa)